

AS FAMÍLIAS CRISTOFANI E FIERRO, NA ITÁLIA E NO BRASIL

Aguinaldo Ribeiro da Cunha Filho

*Para meus avós
Benedicto Cristofani e Marieta Fierro Cristofani*

Resumo: *Este artigo apresenta o histórico e a genealogia de duas famílias italianas radicadas em São Paulo: os Cristofani e os Fierros. Trata das uniões familiares dos Cristofani com os Sarzi Sartori, os Azzoni, os Fierros-Menchise e os Lepores. Trata, finalmente, da união dos Cristofani e dos Fierros com os Ribeiros da Cunha.*

Abstract: *This article portrays the history and genealogy of two Italian families that settled in São Paulo: the Cristofani and the Fierro. It deals with the links between the Cristofani, the Sarzi Sartori, the Azzoni, the Fierro-Menchise and the Lepore. It finally analyses the connections between the Cristofani-Fierro and the Ribeiros da Cunha.*

Sumário: *Apresentação. 1. Introdução. Capítulo I. Os Cristofani, da província de Lucca. Capítulo II. Os Sarzi Sartori e os Azzoni, da província de Mântua, e sua união com os Cristofani, em 1887. Capítulo III. Os Fierros, da província de Bari, e sua união com os Cristofani em 1919. Capítulo IV. Os Menchises, da província de Potenza, e sua união com os Fierros em 1898. Capítulo V. Os Lepores, também da província de Potenza, e sua união com os Menchises, em 1878. Capítulo VI. Os Cristofani e sua união com os Ribeiros da Cunha em 1947. Conclusão.*

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste texto é registrar a origem de duas famílias italianas imigradas para o Brasil no período áureo da imigração européia, os Cristofani e os Fierros, estabelecidas ambas, desde sua chegada, na cidade de São Paulo. Esses ascendentes paternos e maternos de minha mãe, Guiomar (Fierro) Cristofani

são todos italianos. Os Cristofani, da província de Lucca, na Toscana, e os Fierros, da província de Bari, na Puglia¹.

Além disso, o texto registra também as origens das demais famílias a elas unidas, como os Marchi, também de Lucca, os Lechiancoles, de Bari, os Sarzi Sartori e os Azzoni, da província de Mântua, na Lombardia, os Menchise e os Lepores, da província de Potenza, na Basilicata. Desse modo, as famílias dos quatro avós de minha mãe têm, aqui, suas origens estudadas. Cada capítulo corresponde a um desses ramos, até chegar no último, que trata da união dos Cristofani-Fierro com os Ribeiros da Cunha – estes, objeto de outro estudo de minha autoria (abrangendo as origens da família desde Portugal das épocas medieval e renascentista, passando pelo sul de Minas e pelo interior de São Paulo nos períodos colonial e monárquico, até nossos dias), publicado na Revista ASBRAP n° 9, e complementado pelo texto publicado na Revista ASBRAP n° 10 sobre as famílias Tardelli e Ferreira da Silva, que se uniram aos Ribeiros da Cunha, em 1903.

As fontes de informação foram documentos familiares, visitas à Itália, pesquisas nos arquivos italianos e brasileiros e a história oral da família, as famosas tradições familiares, contadas principalmente pelas figuras femininas: minha mãe, cujas narrativas tinham sempre minúcias, detalhes, graça, emoção, reportando-se às gerações dos pais, avós e tios; minha avó Marieta Fierro (Cristofani), a mais bem informada por ser a mais velha, em relação aos que vieram da Itália e aos primeiros tempos em São Paulo; minhas tias, irmãs mais moças de minha avó, Rosária Ferri (Muniz de Mello), Marion Ferri (Martinelli) e Lucy Ferro (Bérgamo), que acrescentavam sempre novos dados e estórias divertidas; e, por fim, minha prima Myrian Muniz de Mello, que com humor e inteligência, recriando teatralmente o cenário familiar, passou-me dados interessantes e importantes – todos, de todas elas, cuidadosamente anotados por mim.

Agradeço ainda a meus amigos Edvard Barreto de Aguiar Júnior e John Di Rienzo a ajuda prestada neste trabalho. Edvard Barreto está radicado em Nova York há muitos anos, mas continua sempre presente no Brasil, interessado em tudo que diz respeito à História brasileira (descendente que é de velhos troncos portugueses de Pernambuco). Alguns de nossos últimos *e-mails* versaram sobre os judeus luso-pernambucanos que fundaram a primeira sinagoga (com cemitério anexo) nova-iorquina, a Sinagoga Espanhola e Portuguesa do Central Park West, e cujo rabino chama-se, ainda, “Cardozo”, como há dez anos, quando visitei o local pela primeira vez..

1 Apúlia, em português.

1. INTRODUÇÃO

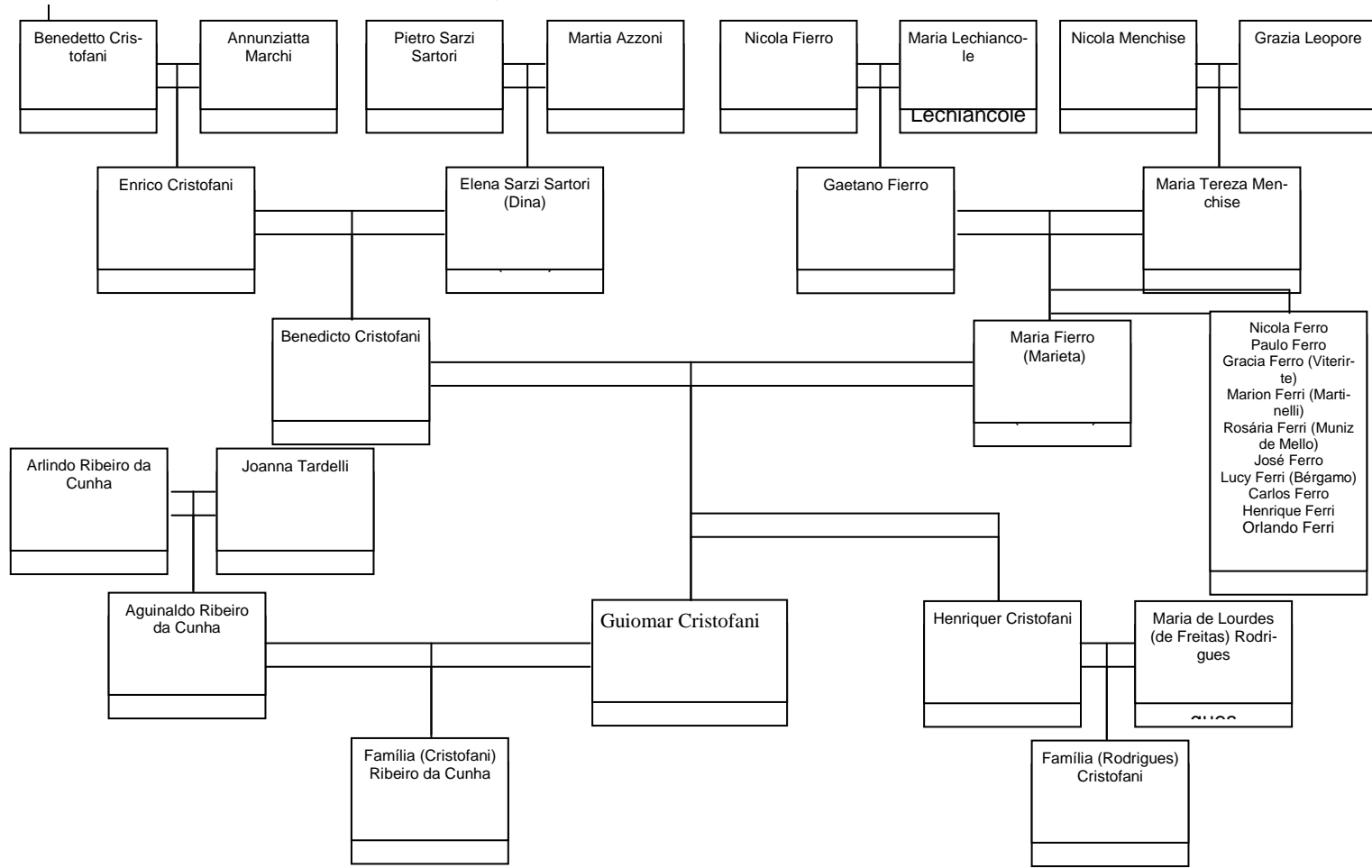
Na corrente imigratória do recém unificado Reino da Itália para o Império do Brasil, iniciada na década de 1870 sob o incentivo do governo provincial de São Paulo, grande quantidade de imigrantes era originária da província de Lucca, na Toscana. Vênetos e meridionais, entre os quais napolitanos, bareses, lucanos e calabreses, também tiveram expressivo contingente de imigrantes para o Brasil, nas últimas décadas do século XIX.

Ramos das famílias Cristofani e Fierro vieram para nosso país, respectivamente em 1882 e em 1901. Os Cristofani originários da própria capital, Lucca, dentro dos muros, pois a cidade antiga era (e é) cercada por muralhas medievais; os Fierros vindos da comuna de Spinazzola, *no mezzogiorno* (Itália meridional). Essas duas famílias uniram-se em 1919, em São Paulo, com o casamento de Benedicto Cristofani com Maria Fierro (*Marieta*).

Antes disso, os Cristofani já haviam se unido aos Sarzi Sartori e aos Azzoni (das comunas de Viadana e Sabbionetta, situadas no belo vale do rio Pó), em 1887, em São Paulo. Os Fierros, por sua vez, haviam se unido em 1898, ainda na Itália, às famílias Menchise e Lepore, meridionais como eles, da comuna de Genzano di Lucania.

Essa família Cristofani-Fierro foi unida em 1947, em São Paulo, aos Ribeiros da Cunha, pelo casamento de meus pais, Aguinaldo Ribeiro da Cunha e Guiomar Cristofani.

QUADRO GENEALÓGICO GERAL - I



CAPÍTULO I OS CRISTOFANI², DA PROVÍNCIA DE LUCCA

Este capítulo é dedicado à família de meu bisavô Enrico Cristofani.



Enrico e Carlota Cristofani, Lucca, cerca de 1910.

Enrico Cristofani nasceu a 10 de agosto de 1863³, na cidade de Lucca, dentro dos muros, filho de Benedetto Cristofani e de Annunziata Marchi. Nasceu “alle ore 11:00 pm” de 10 de agosto, sendo batizado no dia seguinte, na paróquia de San Pietro Somaldi, com o nome de Gio Lorenzo Enrico Michele Cristofani, pelo Reverendo Pellegrino Giusti.

Segundo a tradição familiar, Enrico teve uma única irmã, Carlota Cristofani, casada e radicada na França. A foto acima, meio apagada, mostra os dois irmãos juntos, tirada provavelmente em Lucca numa viagem feita por Enrico c.1910⁴. Seus pais, Benedetto e Annunziata, morreram cedo, antes de

-
- 2 Neste texto, adoto a grafia “CRISTOFANI”, de acordo com o registro de batismo de Enrico, embora no Brasil uma parte da família tenha incluído o *h*, tornando-se “CHRISTOFANI”, provavelmente por erro dos cartórios. É importante salientar que em Lucca existem ambas as famílias, CRISTOFANI e CHRISTOFANI.
 - 3 Cópia de seu registro de batismo foi conseguida por minha prima Adriana Muniz de Mello, durante viagem a Lucca.
 - 4 Seu passaporte (cópia fornecida por meu falecido primo Dino Mottinelli) indica que o rei da Itália na ocasião era Vittorio Emanuele III (que subiu ao trono em 1900, com a morte do pai, Humberto I). Isso leva a crer que Enrico Cristofani viajou à Itália após 1900, constando inclusive do passaporte que ele era comerciante e com residência (temporária, é claro) em Lucca.

1882; nesse ano, o jovem Enrico, com 19 anos incompletos, partiu sozinho para o Brasil (onde, segundo a tradição familiar, já estavam os parentes maternos, os tios Marchi, nome pelo qual ele passou a ser conhecido). Veio no vapor “América”, procedente de Gênova, e desembarcou no porto de Santos a 7 de agosto de 1882, tendo como destino a capital paulista⁵.

Aqui viveu, entre idas e vindas à Itália, durante trinta anos, tendo falecido em São Paulo, em 20 de fevereiro de 1913, aos 49 anos de idade⁶.

A família Cristofani é de antiga origem toscana⁷, radicada há séculos em Lucca, desde a época medieval⁸. Em 2000, em minha terceira viagem a Lucca, visitei a Curia Arcivescovile, localizada no início da cidade para quem entra pela Porta San Pietro (situada próxima à estação ferroviária, que se localiza fora da muralha), exatamente na Via dell’Arcivescovato, e em frente ao belíssimo Duomo de San Martino.

No Arquivo da Curia conheci o diretor, Monsenhor Giuseppe Ghilarducci, que me recebeu muito bem e me apresentou ao historiador Umberto Palagi. Esse historiador e pesquisador falou-me sobre os Cristofani e sua possível origem na cidade de Pescaglia, também na província de Lucca.

Além disso, informou-me da existência de um poeta, Giuseppe Cristofani, autor de algumas obras como “*Gite negli sproni Apuani, nell’autunno 1903, prosa in versi*” e “*In occasione del matrimonio del giovane Lorenzo di Aristide Cristofani e di Gemma Massei con la giovane Corinna di Giovanni Corfini e di Carlotta Molinari*”, além de um poema sobre o Brasil intitulado “*Il Mio Viaggio – Dalla Terra del Cruzeiro*”, de 1910.

Essa obra merece alguns comentários pelas informações que contém sobre a época, de intensa imigração européia para o Brasil.

5 Museu da Imigração, Rua Visconde de Parnaíba, Brás, São Paulo, cópia da certidão datada de 28 de setembro de 1992.

6 No Brasil, Enrico transformou-se em Henrique, nome constante de quase todos os seus documentos, a exemplo da grande maioria de imigrantes italianos na época, que aporuguesavam o nome.

7 O sobrenome Cristofani é “composto dos elementos *Christos*, significando Cristo e *phoros*, de *pherein*, que significa *carregar, portar*. Então, este nome significa *aquele que carregava Cristo consigo*, que metaforicamente implica *alguém que tinha recebido a Eucaristia*” (site da família cristofani, www.cristofani.com.br).

8 Consta do brasão da família Cristofani esse dado. É claro que nada liga o brasão ao meu ramo, aqui estudado, mas a origem do nome pode – e deve – ser a mesma. O brasão é de prata com três barras em vermelho. A prata simboliza a Lua e denota paz e sinceridade. O vermelho simboliza Marte e significa magnanimidade e fortitude militar. O elmo: uma águia estendida de negro, coroada de ouro (site da família Cristofani, www.cristofani.com.br).

Em 1896, aos 52 anos, Giuseppe Cristofani empreendeu viagem ao Brasil por espírito de aventura. Inicia o poema, onde relata a viagem, da seguinte maneira:

*Con la fede nel cuore, e la speranza
Lasciai l'Italia nell'età virile
venni senza infamia nel Brasile
dove per anni cinque ebbi mia stanza*

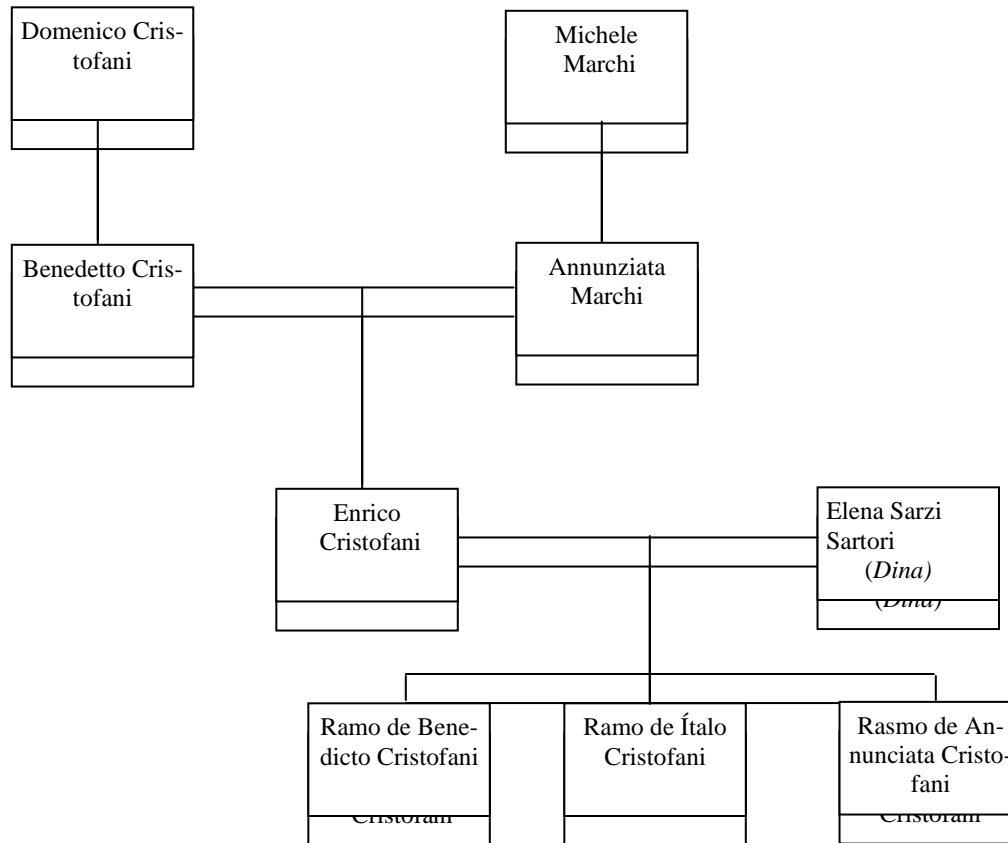
O poeta conta que ao desembarcar na primeira escala, em Marselha, um marinheiro perguntou se ele não se envergonhava de ir ao Brasil com aqueles imigrantes. A imagem era negativa, tanto a dos imigrantes como a do país para onde iam. Giuseppe, ingenuamente, conta que se sentia orgulhoso.

O restante do poema é dedicado ao Brasil, às regiões onde viveu durante alguns anos e à história brasileira. Fala de Ribeirão Preto, São Simão, Lage, Campinas, Cravinhos, Batatais e outras cidades do interior paulista, além da própria cidade de São Paulo. E passa a história brasileira em revista, da época do descobrimento aos tempos de D. Pedro II – revelando estudo, pesquisa, cultura e muita sensibilidade. É uma obra extremamente interessante e elucidativa para compreensão da imigração naquele momento.

Vale a pena trancrever este trecho⁹: “*Sono di già passati non pochi anni (ora siamo al 1910), eppure del Brasile mi è rimasto grato ricordo e ne parlo volentieri, perchè là ci si apprende a conoscere tutti gl'italiani dalle Alpe al Faro; si sente in modo speciale l'amore all'Italia; lo spirito di nazionalità è intenso, l'affetto alla Casa di Savoia è culto..... Si, se Vittorio Emanuele III mettesse il piè in una qualunque Città dell'America del Sud susciterebbe un entusiasmo tale fra quei figli d'Italia che mente umana non può descrivere*”.

9 Obtive cópias do poema na Biblioteca Governativa de Lucca, xerocopiando do livro tanto a viagem ao Brasil como o poema sobre as núpcias de Lorenzo Cristofani e Corinna Corfini.

QUADRO II – FAMÍLIA CRISTOFANI



Essa devoção à realeza da época era também contada, na família, por minha tia Lúcia Ferro (Lucy), que se lembrava do retrato da família real de Savóia ocupando lugar de destaque na casa de seus pais em São Paulo. Igualmente minha avó, Marieta Fierro, recordava-se sempre do afeto de sua mãe Maria Tereza pelo rei Vittorio Emanuele, pela rainha Elena e pela família real.

Essa sensação de italianidade que os imigrantes sentiam na nova pátria que escolheram – e que devia ser a mesma que outros imigrantes, nos Estados Unidos ou na Argentina, também sentiam – é comovente, e expressa bem a nostalgia do solo natal e a dificuldade de adaptação ao novo ambiente. Muitos não aprendiam a nova língua de maneira correta e esqueciam aos poucos o próprio idioma. Outros, em que pese a nostalgia e as dificuldades, acabavam adaptando-se ao novo país.

Em minha própria família aconteceram essas duas situações: em geral a adaptação era a regra, mas Sisto Tardelli (tio-bisavô)¹⁰ não se acostumou com o Brasil e voltou logo para a Itália; Gaetano Fierro (bisavô), homem do campo num ambiente urbano, encontrou muita dificuldade em adaptar-se; e Elena Sarzi Sartori (bisavó), aos 85 anos, pensou em voltar à Itália, apesar de ter deixado seu país aos 17 anos. A vida inteira falou com forte sotaque, mesclando italiano e português numa mesma frase em suas conversas – aliás, lembro-me perfeitamente tanto do sotaque quanto da figura da “bisavó Dina”, como a chamávamos. Era uma mulher de pequena estatura, muito magra e frágil fisicamente, abundantes cabelos brancos, e dotada de temperamento forte, sangue quente, opiniões radicais, extremamente orgulhosa de sua italianidade. Além das visitas frequentes que fazia à minha mãe, sua neta mais velha, em seu penúltimo ano de vida morou conosco durante alguns meses. Eu, adolescente, perguntava-lhe muito sobre o passado da família.

A leitura do poema de Giuseppe Cristofani torna vívida a época da imigração no Brasil do final do século XIX.

FAMÍLIA CRISTOFANI

§ 1º

- I – BENEDETTO CRISTOFANI – nasceu em Lucca cerca 1830 e aí morreu antes de 1882. Filho de DOMENICO CRISTOFANI, da paróquia de Santissima Annunziata, em Lucca, falecido antes de 1863. Casou-se com ANNUNZIATA MARCHI, filha de MICHELE MARCHI, da paróquia de

10 Ver Revista ASBRAP nº 10, *As Famílias Tardelli, da Toscana, e Ferreira da Silva, dos Açores e do sul de Minas*.

Sant'Anna, em Lucca, nascida cerca 1825 e aí falecida antes de 1882¹¹.

Filhos:

- 1 (II) - CARLOTA CRISTOFANI – casada, com descendência, radicada na França.
- 2 (II) - ENRICO CRISTOFANI, que segue.

II- ENRICO CRISTOFANI (*HENRIQUE*) – emigrou para o Brasil em 1882, aos 19 anos de idade, órfão de pai e mãe. Nasceu em Lucca em 10-AGO-1863 e morreu em São Paulo aos 20-FEV-1913. Casou-se com Elena Sarzi Sartori (*Dina*), em São Paulo, em 1887. Filhos:

- 1 (III) – ALFREDO CRISTOFANI, que segue.
- 2 (III) – BENEDICTO CRISTOFANI, que segue no § 2º .
- 3 (III) – ITALO CRISTOFANI, que segue no § 6º .
- 4 (III) – ANNUNCIATA CRISTOFANI, que segue no § 7º .

III – ALFREDO CRISTOFANI¹², nascido em São Paulo em 8-JUN-1889 e falecido, em São Paulo, em 5-FEV-1959, aos 69 anos. Filha:

- 1 (IV) – ANNA CRISTOFANI.



Família Cristofani em São Paulo, cerca 1927. Minha mãe Guiomar, meus avós Marieta e Benedicto, e tio Henrique na frente do pai..

11 Domenico Cristofani (pai de Benedetto) e Michelle Marchi (pai de Annunziata) são terceiros avós de minha mãe Guiomar Cristofani.

12 Um “Alfredo Cristofani” chegou a Santos, vindo da Itália, nesse mesmo ano de 1889, no dia 25 de novembro, com 17 anos de idade, profissão “lavrador”. Coincidência de nomes, ou parente de Enrico? Dados colhidos no Museu da Imigração em São Paulo.

§ 2º

III – BENEDICTO CRISTOFANI¹³ (filho de Enrico Cristofani, do § 1º nº II), meu avô, nascido em São Paulo em 11-JUN-1892 e falecido em São Paulo em 24-MAIO-1974, aos 81 anos. Recebeu o nome do avô paterno, Benedetto. Casou-se, em São Paulo, a 25-OUT-1919, com MARIA FIERRO (*MARIETA*) (filha de Gaetano Fierro, do § 2º nº III, Capítulo III).

Meu avô, grande profissional do desenho e da pintura, formou numerosos discípulos em sua profissão (na juventude, tinha oficina de desenho e pintura no centro histórico da capital paulista, na Rua XV de Novembro), destacando-se notavelmente em sua profissão. Filhos:



Guiomar Cristofani, minha mãe, S. Paulo, cerca 1940.

1 (IV) – GUIOMAR CRISTOFANI, que segue.

2 (IV) – HENRIQUE CRISTOFANI, que segue no § 3º.

IV – GUIOMAR CRISTOFANI, minha mãe, nascida em São Paulo em 8-JAN-1921 e falecida em São Paulo em 14-MAIO-1979, aos 58 anos. Recebeu o nome

13 O sobrenome constante das certidões de nascimento e de casamento de meu avô e de minha mãe é CRISTOFANI e não CHRISTOFANI. Em outros documentos de ambos, porém, consta o sobrenome com *h*.

de Guiomar (os pais desejavam um nome brasileiro ou de origem portuguesa, como homenagem ao Brasil) graças ao sucesso feito na época pela pianista-menina Guiomar Novaes¹⁴. Estudou no Colégio São José, em São Paulo. Casou-se em 28 de janeiro de 1947, em São Paulo, na Igreja de Santa Cecília, com AGUINALDO RIBEIRO DA CUNHA, filho de Arlindo Ribeiro da Cunha e de Joanna Tardelli.

A ligação dos Fierro-Cristofani com os Ribeiros da Cunha se dá com esse casal, Guiomar e Aguinaldo.

Meu pai nasceu em Espírito Santo do Rio do Peixe (atual Divinolândia), SP, em 8-SET-1912. Aos três anos de idade mudou-se com sua família para São José do Rio Pardo, onde viveu até os 18 anos, tendo considerado sempre São José como sua cidade. Estudou, como interno, no Colégio Arquidiocesano de São Paulo. Em 1932, participou da Revolução Constitucionalista. Corretor de café, empresário e posteriormente funcionário da Prefeitura de São Paulo. Faleceu, em São Paulo, em 20-ABR-1999, aos 86 anos. Filho:

1 (V) – AGUINALDO RIBEIRO DA CUNHA FILHO.



Aguinaldo Ribeiro da Cunha, filho de Arlindo Ribeiro da Cunha e de Joanna Tardelli, casou-se com Guiomar Cristofani em 1947
São Paulo, cerca 1945.

14 Minha mãe, pianista amadora, era admiradora entusiasta de Guiomar Novaes, cuja carreira acompanhou de perto, assistindo a muitos de seus recitais. Guiomar Novaes era natural de São João da Boa Vista, cidade próxima a São José do Rio Pardo, terra natal de meu pai, e morreu em fevereiro de 1979 (apenas três meses antes de minha mãe, que compareceu ao seu funeral).

§ 3º

IV – HENRIQUE CRISTOFANI (filho de Benedicto Cristofani, do § 2º nº III), nascido em São Paulo em 8-JAN-1922 e falecido em São Paulo em 18-SET-1993, aos 71 anos. Recebeu o nome do avô paterno, Enrico. Casado com MARIA DE LOURDES RODRIGUES, nascida em São Paulo em 23-AGO-1922 e falecida em São Paulo em 10-MAR-1981, aos 58 anos, filha de Seraphim Rodrigues, português, e de Maria Júlia de Freitas, neta de portugueses da Ilha da Madeira.

Tio Henrique foi discípulo de seu pai Benedicto na arte da pintura e do desenho. Mais tarde, mudou de ramo profissional, dedicando-se à administração de empresas. Filhos:

1 (V) – MYRIAN CRISTOFANI, que segue.

2 (V) – CÉSAR BENEDICTO CRISTOFANI, que segue no § 4º.

3 (V) – CARLOS HENRIQUE CRISTOFANI, que segue no § 5º.

V – MYRIAN CRISTOFANI (*MIRITA*) – casada em primeiras núpcias com EUDIMAS NOGUEIRA GALVÃO (pela mãe, Ribeiro Nogueira), falecido, sem descendência.

Em segundas núpcias, casou-se com JOSÉ MANUEL PINTO ROSALLIS, português. Filho:

1 (VI) – CARLO CRISTOFANI ROSALLIS, faleceu ao nascer em 1975.

Em terceiras núpcias, casou-se com OSCAR SEGOVIA ALVAREZ, chileno.

Filho:

2 (VI) – OSCAR CRISTOFANI SEGOVIA.

§ 4º

V – CÉSAR BENEDICTO CRISTOFANI (filho de Henrique Cristofani, do § 3º nº IV), casado com MARILENA LAFALCE. Faleceu em 12-AGO-1992, aos 43 anos. Filhas:

1 (VI) – LUCIANA CRISTOFANI.

2 (VI) – FABIANA CRISTOFANI.

De uma segunda união, com NAIRA, teve outras duas filhas:

3 (VI) – MARIANA CRISTOFANI.

4 (VI) – JULIANA CRISTOFANI.

§ 5º

V – CARLOS HENRIQUE CRISTOFANI (filho de Henrique Cristofani, do § 3º nº IV), casado com LUCIANA PIRES AZANHA. Filha:

1 (VI) – OLÍVIA PIRES AZANHA CRISTOFANI.

§ 6º

III - ITALO CRISTOFANI (filho de Enrico Cristofani, do § 1º nº II), nascido em São Paulo em 8-AGO-1893 e falecido em São Paulo em 8-FEV-1975, aos 81 anos. Casou-se com AMÉLIA, descendente de italianos, falecida em São Paulo em 9-NOV-1957. Filhos:

- 1 (IV) – HENRIQUE CRISTOFANI, casado.
 - 2 (IV) – ANNA CRISTOFANI, casada, falecida.
 - 3 (IV) – LÍDIA CRISTOFANI, casada.
- Todos, com descendência.



Annunziata Cristofani, única filha de Enrico Cristofani e de Elena Sarzi Sartori (*Dina*), casou-se com Raphael Mottinelli. S. Paulo, cerca 1920.

§ 7º

III – ANNUNCIATA CRISTOFANI (filha de Enrico Cristofani, do § 1º nº II)-nascida em São Paulo em 9-MAR-1898 e falecida em São Paulo em 14-FEV-1997, às vésperas do 99º aniversário. Recebeu o nome da avó paterna, Annunziata. Casou-se com RAPHAEL MOTTINELLI, natural de Brescia, na Itália, filho de GIOVANNI MOTTINELLI e de TERESA BERNARDINI, nascido em 16-JAN-1899 e falecido em São Paulo em 17-JUL-1965, aos 66 anos. Filhos:

- 1 (IV) – RUBENS MOTTINELLI, que segue.
- 2 (IV) – DINO MOTTINELLI, que segue no § 9º.

IV – RUBENS MOTTINELLI, casado com LIGIA MALFATTI LUCCHESI SILVA, falecida. Filhos:

- 1 (V) – VIRGINIA HELENA MOTTINELLI, que segue.
- 2 (V) – SILVIA MOTTINELLI, que segue no § 8º.
- 3 (V) – FÁBIO MOTTINELLI.
- 4 (V) – FAUSTO MOTTINELLI.

V – VIRGINIA HELENA MOTTINELLI, divorciada. Filhos:

- 1 (VI) – JOÃO PAULO MOTTINELLI DE SOUZA.
- 2 (VI) – CAMILA MOTTINELLI DE SOUZA.

§ 8º

V – SILVIA MOTTINELLI (filha de Rubens Mottinelli, do § 7º nº IV), casada com GERSON GIROTTI NUNES. Filhos:

- 1 (VI) – CARLA MOTTINELLI NUNES.
- 2 (VI) – ALEXANDRE MOTTINELLI NUNES.

§ 9º

IV – DINO MOTTINELLI (filho de Annuciata Cristofani, do § 7º nº III), falecido em 2000, casado com ZILDA ORTOLAN. Filhos:

- 1 (V) – DINO MOTTINELLI FILHO, que segue.
- 2 (V) – CARLOS MOTTINELLI, falecido.
- 3 (V) – EDUARDO MOTTINELLI.
- 4 (V) – RICARDO MOTTINELLI, que segue no § 10º.

V – DINO MOTTINELLI FILHO, casado com ANA IGLESIAS. Filhos:

- 1 (VI) – RAFAEL IGLESIAS MOTTINELLI.
- 2 (VI) – PEDRO IGLESIAS MOTTINELLI.

§ 10º

V – RICARDO MOTTINELLI (filho de Dino Mottinelli, do § 9º nº IV), casado.

Filho:

- 1 (VI) – FELIPE MOTTINELLI.

Os quatro filhos de Enrico Cristofani e de Elena Sarzi Sartori constituíram suas próprias famílias, mas não permaneceram muito unidos entre si. Eram muito jovens quando perderam o pai, em 1913 (o mais velho tinha 23 anos e o mais novo, apenas 14). Os quatro eram muito parecidos, tanto fisicamente

(estatura mediana, loiros, olhos azuis) quanto no temperamento forte, reservado, tendendo ao sisudo.

Alfredo, o primogênito, permaneceu solteiro e morou a vida toda com a mãe - morrendo quatro anos antes dela, em 1959. Benedicto e Annunciata, embora não tivessem grande convivência cotidiana no decorrer da vida, cada qual com sua própria família, sempre mantiveram grande estima mútua e apoio nos momentos difíceis. Minha mãe, especialmente, era muito amiga e afetivamente ligada a essa tia (que faleceu com quase 100 anos de idade em 1997). Os laços entre esses dois ramos Cristofani, o de Benedicto e o de Annunciata, perduram até os dias atuais, com amizade entre os primos.

Italo Cristofani permaneceu relativamente isolado dos demais irmãos, a partir de determinada época, com visitas esparsas entre eles. Esse ramo atualmente pouca ligação tem com os demais, embora ocasionalmente haja contato, particularmente por parte de uma de suas filhas, Lídia Cristofani.



Benedicto Cristofani e Marieta Fierro com os netos Myrian Cristofani, César Cristofani e Aginaldo Ribeiro da Cunha Filho, Praça Buenos Aires, São Paulo, 1955.



Marieta Fierro e o neto mais novo, Carlos Henrique Cristofani, São Paulo, cerca 1962.



Guiomar Cristofani com o marido, Aguinaldo Ribeiro da Cunha, o irmão Henrique Cristofani e a cunhada, Maria de Lourdes Rodrigues Cristofani, São Paulo, cerca 1950.



Benedicto Cristofani com a filha Guiomar Cristofani, a mulher, Marieta Fierro e o neto Aginaldo Ribeiro da Cunha Filho, São Paulo, 1963.



Guiomar Cristofani, São Paulo, década de 40, cerca 1945.

CAPÍTULO II

OS SARZI SARTORI, DA PROVÍNCIA DE MÂNTUA (MANTOVA), E SUA UNIÃO COM OS CRISTOFANI EM 1887

Este capítulo é dedicado à família de minha bisavó Elena Sarzi Sartori

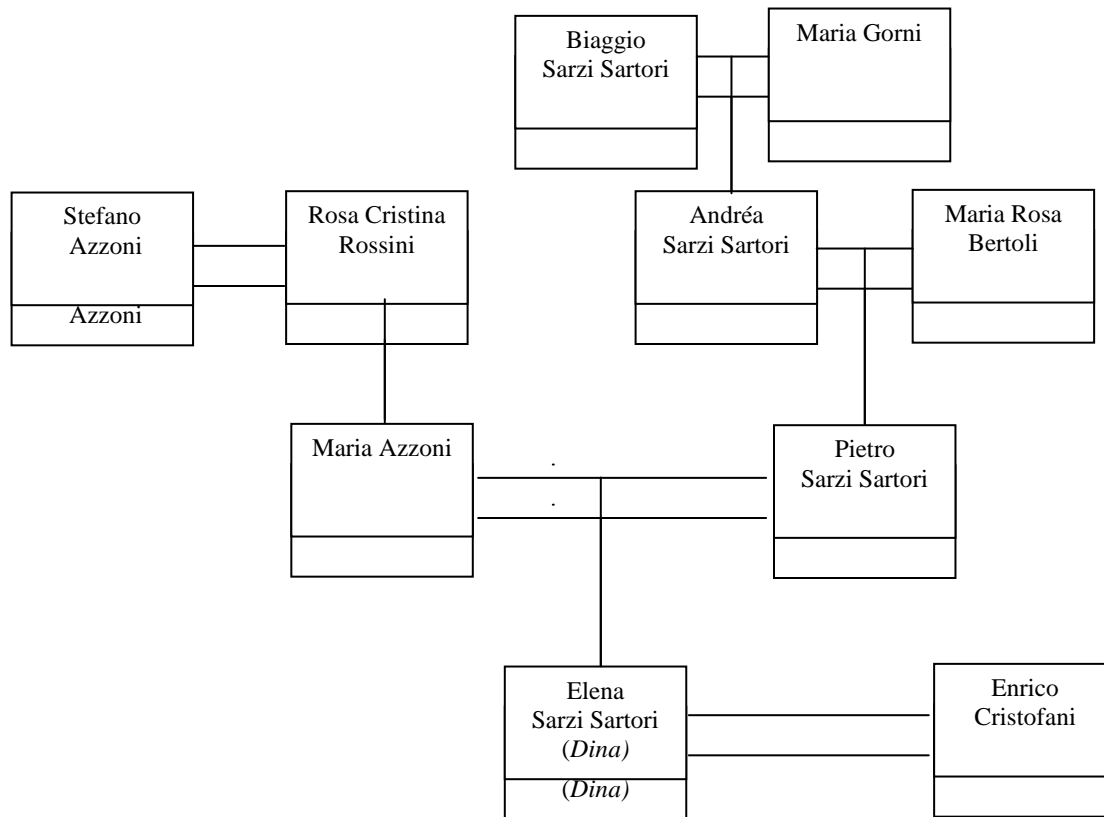
Em 7 de abril de 1887, desembarcava no porto de Santos¹⁵, do vapor “Béarn”, a família Sarzi Sartori, ou melhor, um ramo dela, pois a família é antiga e numerosa na província de Mântua, Lombardia. Era constituída pelo pai, Pietro Sarzi Sartori, viúvo de 49 anos¹⁶, pelos filhos Nicola Sarzi Sartori, com 25 anos, Francesco Sarzi Sartori, com 23 anos, Angelo Sarzi Sartori, com 20 anos, Elena Sarzi Sartori, com 18 anos (incompletos), e Andrea Sarzi Sartori, com 13 anos. O nome dessa filha, minha bisavó, era extenso: Elena Aldina Maria Barbara Sarzi Sartori, mas seu apelido sempre foi bem curto: *Dina*¹⁷. A filha caçula Carolina Sarzi Sartori, então com 11 anos, permaneceu na Itália, vindo posteriormente para o Brasil. O filho Carlo Felice provavelmente morreu na Itália, antes da vinda da família para o Brasil. As lembranças de minha mãe sempre se ativeram apenas aos tios-avós Angelo, Andrea e Carolina, não se referindo a Carlo Felice, e a Nicola e Francesco, estes dois provavelmente já falecidos na década de 20 do século XX.

15 Museu da Imigração, Rua Visconde de Parnaíba, Brás, São Paulo, cópia da certidão datada de 28 de setembro de 1992.

16 A mulher de Pietro Sarzi Sartori, minha trisavó Maria Azzoni, havia falecido em 1875 aos 34 anos de idade, provavelmente de parto, por ocasião do nascimento da filha caçula Carolina.

17 Na certidão de desembarque seu nome foi grafado errado, como “Melina”, ao invés de “Aldina”. Em outros documentos expedidos no Brasil posteriormente, e de maneira inexplicável, seu nome aparece como “Josephina” ou então “Giuseppina”.

QUADRO III – FAMÍLIA SARZI SARTORI



Nascida na comuna de Viadana, província de Mântua (Mantova), na Lombardia, em 23 de agosto de 1869, Dina tinha 18 anos incompletos ao chegar ao Brasil, no outono de 1887. A família havia embarcado em Gênova, fazendo uma escala em Marselha. Dina, logo ao desembarcar, conheceu um compatriota, Enrico Cristofani, que tinha o costume de ir com seus amigos ao porto de Santos esperar os navios italianos, para, assim, travar conhecimento com jovens compatriotas. Em pouco tempo, estavam unidos, ele com 24 e ela com 18 anos, e fixados na capital paulista.

O casal dedicou-se intensamente ao comércio e às transações imobiliárias, comprando terrenos e propriedades, numa época em que a cidade de São Paulo fervilhava de imigrantes, oferecendo imensas oportunidades. Moravam no Brás, como a maioria dos italianos na época, e aí nasceram os quatro filhos de Enrico e Dina¹⁸.

O ramo Sarzi Sartori a que pertencia minha bisavó é originário de Villa Pasquali, comuna de Sabbioneta, na província de Mântua. Ela, porém, nasceu na vizinha comuna de Viadana, que visitei em abril de 1990, vizinha a Brescello e próxima de Parma, Cremona e Mântua. Linda cidadezinha, com construções ao estilo da região, calçadas embaixo de arcos como em Mântua, muita gente andando de bicicleta, meio normal de locomoção. Nessa visita conheci o pároco de San Pietro in Viadana, Don Guido Tassoni, cuja irmã era casada com um membro da família Sarzi Sartori. Ele tinha, portanto, interesse na origem dessa família.

Ficamos amigos e desde então passamos a nos corresponder. Don Guido visitou o Brasil nos anos 1993 e 1996, passando por Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em outubro desse ano Don Guido

18 Em 1887, ano da chegada dos Sarzi Sartori, deixaram a Itália cerca de 153 mil italianos, sendo que 40 mil para o Brasil, 46 mil para os Estados Unidos e 67 mil para a Argentina. No Parlamento italiano, contudo, não se via com bons olhos a imigração para o Império do Brasil (e também para outros países, como Estados Unidos, Argentina e Costa Rica). No nosso País, a vida nas fazendas não era fácil. Apesar disso, e antes da proibição de imigração para o Brasil, feita pelo governo italiano na primeira década do século XX, a imigração nos anos 1880 era intensa. Em 1888 o governo da província de São Paulo gastava, mensalmente, cerca de 750 mil liras para trazer imigrantes italianos, que não pagavam passagem (ela era totalmente gratuita e financiada pelo governo para os imigrantes que iriam trabalhar nas fazendas de café). Pode-se ler: *“Nell’Ottobre del 1886 i giornali brasiliani pubblicavano una Circolare di quel Governo a’suoi agenti all’estero, colla quale si rendeva nota la decisione di pagare intero il viaggio agli emigranti, che volessero recarsi colà, com contratto o senza, a lavorare nelle fazendas, e in parte a chi se sarebbe recato a lavorare per proprio conto le terre dello Stato”*...e mais adiante *“... Amici intimi, da San Paolo del Brasile...affermano le gravi condizioni degli emigranti contadini italiani”* - “Cento Anni Fa, L’Emigrazione Italiana”, org. de Franco Foschi, Bulzoni Editore, Roma, 1988.

encontrou-se com diversos amigos italianos e italo-brasileiros e ao retornar, em novembro, escreveu afetuosa carta a todos. Morreu cerca de um mês depois, em fins de dezembro de 1996, aos 73 anos de idade.

Numa das cartas que troquei com ele, em agosto de 1993, Don Guido escreveu-me que queria aprofundar a pesquisa sobre os Sarzi Sartori no Rio Grande do Sul, descendentes de Giuseppe Sarzi Sartori, natural de Spineda, província de Cremona. Esse Giuseppe havia emigrado para o Brasil com um grupo de mantovanos, entre os quais Carlo Maffini, em 31 de dezembro de 1877, e se fixado na Colonia de Silveira Martins.

Posteriormente, em 1994, Don Guido Tassoni dedicou-se à pesquisa de meu ramo, seguindo minhas indicações, e mandou-me várias certidões de batismo e casamento de antepassados e parentes.

FAMÍLIA SARZI SARTORI

§ 1º

- I – BIAGGIO SARZI SARTORI - nascido por volta de 1775, e sua mulher, MARIA GORNI, nascida cerca 1780, eram naturais de Villa Pasquali, comuna de Sabbioneta, província de Mântua¹⁹. Filho:
1 (II) – ANDREA SARZI SARTORI, que segue.
- II – ANDREA SARZI SARTORI - nascido na comuna de Sabbioneta por volta de 1805. Casou-se em 5-FEV-1834, na paróquia de S. Antonio Abate, em Villa Pasquali, com MARIA ROSA BERTOLI, nascida cerca 1810 na mesma comuna que o marido, filha de GIOVANNI BATTISTA BERTOLI e de BARBARA AGOSTA. Os padrinhos de casamento foram Don Gioacchino Bonini e Antonio Maffezzoli. Filho:
1 (III) – PIETRO SARZI SARTORI
- III – PIETRO SARZI SARTORI, nascido na localidade de Mezzana, em Villa Pasquali, comuna de Sabbioneta, em 22-JAN-1837. Batizado no dia seguinte, 23 de janeiro, na paróquia de S. Antonio Abate, em Villa Pasquali, tendo como padrinho Cherubino Pedrazzini.
Pietro Sarzi Sartori casou-se em 28-SET-1861, na Igreja de Santa Maria Annunziata, na comuna de Viadana, com (ANNUNZIATA) MARIA AZZONI, nascida em 25-MAR-1841 em Viadana (tendo sido batizada no mesmo dia, sendo padrinho Giovanni Boni), filha de Stefano Tommaso Azzoni e de Rosa Cristina Rossini, e falecida em Viadana em 1875, aos 34 anos de

19 Biaggio Sarzi Sartori e sua mulher Maria Gorni são quartos-avós de minha mãe, assim como Giovanni Battista Bertoli e sua mulher Barbara Agosta, nascidos cerca 1780/90.

idade. Os padrinhos de casamento foram Giovanni Pinazzi e Feliciano Turba.

Stefano Azzoni e Rosa Rossini, pais de Maria Azzoni, casaram-se em Viadana em 16-ABR-1837, tendo ele nascido por volta de 1810 e ela cerca de 1815. Antes de (Annunziata) Maria Azzoni tiveram uma filha, MARIA CAROLINA AZZONI, nascida em Viadana em 1838 e falecida aos 5 anos de idade em 1843.

Pietro Sarzi Sartori foi o primeiro da família a emigrar para o Brasil em 1887, fixando-se no interior de São Paulo, onde faleceu por volta de 1910.

Filhos:

- 1 (IV) – NICOLA SARZI SARTORI, nascido em Viadana, cerca 1862, e falecido no Brasil, com descendência no interior do Estado de São Paulo.
- 2 (IV) – FRANCESCO SARZI SARTORI, nascido em Viadana em 8-NOV-1864, e batizado no dia seguinte na paróquia de S. Maria Annunziata, tendo como padrinho Francesco Storti, filho de Pietro Storti. Faleceu no Brasil, com descendência no interior do Estado de São Paulo.
- 3 (IV) – ANGELO ANDREA SARZI SARTORI, nascido em Viadana em 20-JUL-1867 e batizado no dia seguinte na paróquia de S. Maria Annunziata, tendo como padrinho o tio, Angelo Azzoni, irmão de sua mãe. Faleceu no Brasil, com descendência no interior do Estado de São Paulo.
- 4 (IV) – ELENA ALDINA MARIA BARBARA SARZI SARTORI (*Dina* ou *Josephina*, no Brasil), nasceu em Viadana em 23-AGO-1869. Batizada no dia seguinte, na paróquia de S. Maria Annunziata, tendo como madrinha Elena Moroni, filha de Giacomo Moroni. Casou-se com GIO LORENZO ENRICO MICHELE CRISTOFANI, *Enrico* ou *Henrique*, (filho de BENEDETTO CRISTOFANI, do § 1º nº I) em 1887, em São Paulo, Capital. Faleceu em São Paulo, aos 93 anos, em 21-MAIO-1963.

A ligação dos Cristofani e dos Sarzi Sartori dá-se com esse casal, meus bisavós, no Brasil.

- 5 (IV) – CARLO FELICE ANGELO SARZI SARTORI, nascido em Viadana em 5-AGO-1871. Batizado a 7 de agosto do mesmo ano na paróquia de S. Maria Annunziata, sendo padrinho Carlo Mori, filho de Francesco Mori. Não é certeza que tenha vindo com a família para o Brasil, em virtude de uma possível morte prematura.
- 6 (IV) – ANDREA SARZI SARTORI, nascido em Viadana em 11-OUT-1873, e batizado no dia seguinte, na paróquia de Santa Maria Annunziata, sendo padrinho o tio Carlo Azzoni, irmão de sua

mãe (desse tio, provavelmente, descende a Profa. Carla Azzoni, ainda viva e residente em Viadana por volta de 1990/95, e que informou a Don Guido Tassoni ser sobrinha-neta de minha bisavó *Dina*; em virtude disso, desejava escrever-me sobre o assunto – o que infelizmente não aconteceu). Andrea Sarzi Sartori faleceu no Brasil, com descendência no interior do Estado de São Paulo.

- 7 (IV) – MARIA CAROLINA SARZI SARTORI, nascida em Viadana em 6-DEZ-1875 e batizada no dia 8 na paróquia de Santa Maria Annunciata, tendo como madrinha Carolina Bogni, filha de Isidoro Bogni. Sua mãe Maria Azzoni morreu por ocasião de seu nascimento. Permaneceu na Itália, numa escola religiosa, vindo posteriormente juntar-se ao pai e irmãos. Faleceu no Brasil, com descendência no interior do Estado de São Paulo.

O ramo de Pietro Sarzi Sartori que emigrou para o Brasil, fixou-se no interior paulista, em Araraquara, Monte Aprazível e Taquaritinga – cidades onde minha mãe, em sua infância e adolescência, nos anos 1920/30, ia com a avó Dina passar as férias nas terras dos tios-avós. Após a morte do pai e irmãos, Dina perdeu aos poucos o contato com os sobrinhos. Isso na década de 1940.

Elena Sarzi Sartori (*Dina*) sobreviveu a todos os irmãos, falecendo na capital paulista, em 1963, com quase 94 anos, exatamente 50 anos após a morte do marido, Enrico Cristofani (*Henrique*).



Minha mãe Guiomar Cristofani com a avó Elena Sarzi Sartori (*Dina*), aos 93 anos, o irmão Henrique Cristofani e a tia Lucy Ferro. São Paulo, 1962.

CAPÍTULO III

OS FIERROS, DA PROVÍNCIA DE BARI, E SUA UNIÃO COM OS CRISTOFANI, EM 1919

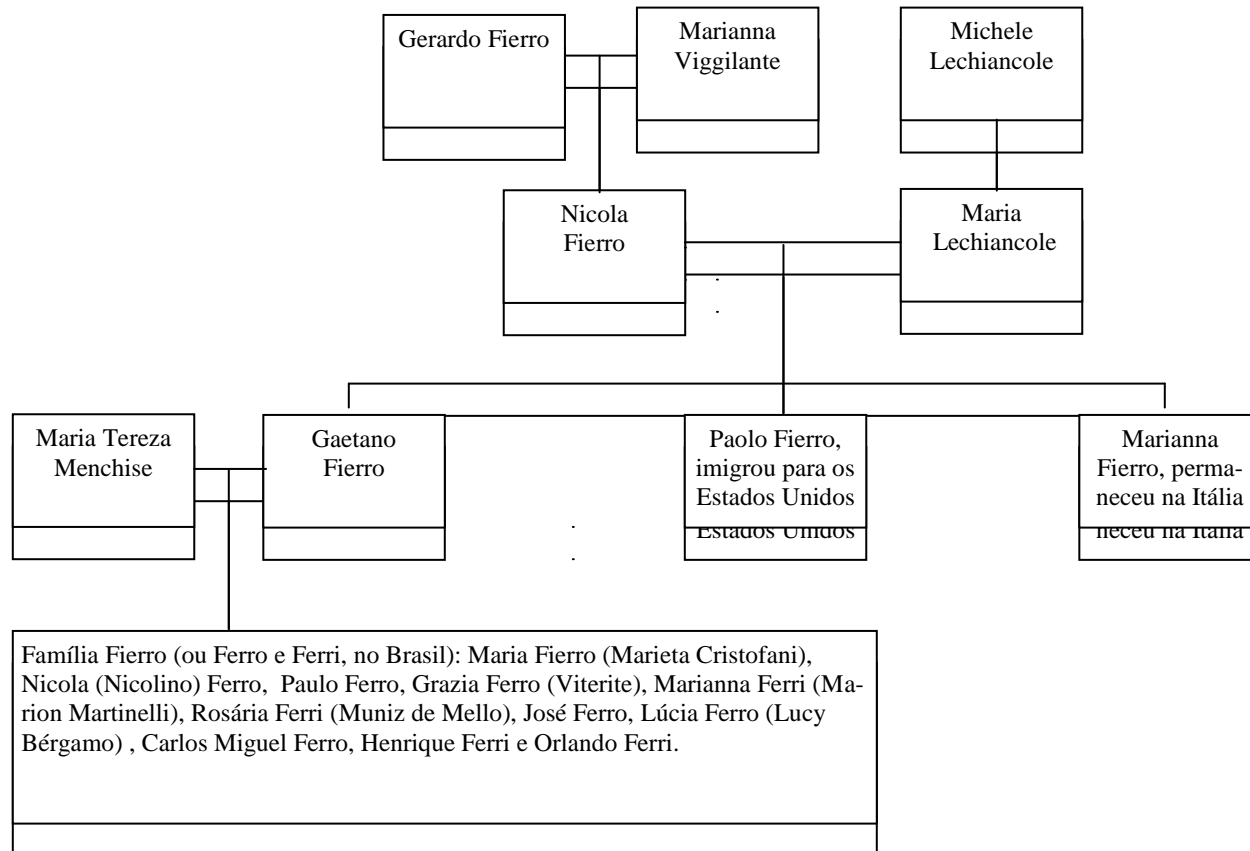
Este capítulo é dedicado à família de meu bisavô Gaetano Fierro e às de seus filhos.



Família Fierro em São Paulo, 1924.

O casal Gaetano Fierro e Maria Tereza Menchise, meus bisavós, sentados, com os filhos: em pé, os quatro mais velhos, Paulo Ferro, Grazia Ferro (Viterite), Maria Fierro (Marieta Cristofani) e Nicola Ferro; sentada, à esquerda, Marianna Ferri (Marion Martinelli), de pé, Lúcia Ferro (Lucy Bérغامo), com laço na cabeça, tendo à frente Henrique Ferri; no colo dos pais, o caçula Orlando Ferri; sentados à direita, Rosária Ferri (Muniz de Mello) e José Ferro; à frente, num banquinho, Carlos Ferro.

QUADRO IV –FAMÍLIA FIERRO



Os Fierros são uma antiga família da província de Bari, na Apúlia (em italiano, Puglia). Em sua cidade natal, Spinazzola²⁰, que integrava a chamada “Puglia Imperial”²¹ dos tempos de Frederico II, encontram-se membros da família Fierro pelo menos desde o século XVIII. O antigo *paese* (cidadezinha) possui um centro histórico típico, com as ruínas do castelo dos Pignatelli, a velha catedral do século XIV, igrejas e casario antigo, ruas estreitas, um burgo típico do sul da Itália. Tão típico é o centro histórico que a cineasta Lina Wertmuller aí rodou um de seus últimos filmes.

Na época do Império Romano, Spinazzola era uma “statio” à margem da Via Ápia. Com a queda do Império, sofreu as invasões bárbaras de godos, visigodos, lombardos, húngaros e sarracenos. Sob os normandos, tornou-se cidadela fortificada e, mais tarde, feudo das famílias Ferrillo e Pignatelli.

Na Idade Média havia na cidade um hospital, fundado pelos Templários no século XI, para receber os cruzados que voltavam feridos da Terra Santa. Ruínas desse edifício podem ser vistas ainda hoje. A cidade é a terra natal do Papa Inocêncio XII (1690 a 1700), aí nascido em 1615 com o nome de Antonio Pignatelli. No centro histórico, a praça da velha catedral chama-se *Piazzeta Papa Pignatelli*, em homenagem a esse Papa Inocêncio.

Neste capítulo, é feita menção à família Lechiancole, unida aos Fierros em 1860, mas a respeito da qual ainda nenhuma pesquisa foi feita.

Família Fierro

§ 1º

- I – GERARDO FIERRO, nascido em Spinazzola por volta de 1790, casou-se com MARIANNA VIGILANTE, natural de Spinazzola, nascida cerca 1795²². Filho:
1 (II) – NICOLA FIERRO, que segue.
- II – NICOLA FIERRO, nascido “alle ore ventiquattro” de 25-OUT-1823, em Spinazzola, na casa da família localizada no Vico Moretti, nº 16. Casou-se com MARIA MICHELE LECHIANCOLE, natural de Spinazzola, nascida por

20 Visitei Spinazzola em 1990 e em 1996, procurando sempre ramos familiares de Fierro e Lechiancole.

21 Outras cidades da Puglia imperial são, entre as mais conhecidas, Andria, Barletta, Bisceglie, Canosa di Puglia, Margherita di Savoia, Minervino Murge, San Ferdinando di Puglia e Trani.

22 Gerardo Fierro e sua mulher Marianna Vigilante são terceiros avós de minha mãe, Guiomar Cristofani, assim como Michele Lechiancole, pai de Maria Michele, a mulher de Nicola Fierro.

volta de 1840, filha de Michele Lechiancole (provavelmente natural da mesma cidade, nascido cerca 1810). Essa família, Lechiancole, é originária também de Spinazzola, onde, atualmente, existem muitos ramos de Fierro e Lechiancole. Filhos:

- 1 (III) – GAETANO FIERRO, que segue no § 2º.
- 2 (III) – PAOLO FIERRO, que segue.
- 3 (III) – MARIANNA FIERRO, nascida em Spinazzola por volta de 1872, aí morreu, com descendência.

III – PAOLO FIERRO, nascido em Spinazzola por volta de 1870, emigrou para os Estados Unidos da América, fixando-se em Nova York. Pai de:

- 1 (IV) – ANTONIO FIERRO (*ANTHONY*), nascido em Spinazzola, radicou-se em Nova York, onde construía casas pré-fabricadas. Aí morreu, deixando descendentes.



Os irmãos Nicola e Marieta Fierro, minha avó, ladeando o primo Antonio Fierro, *Tony*, emigrado para os Estados Unidos (Nova York), durante visita que ele fez a S.Paulo, em setembro de 1962, especialmente para conhecer a família brasileira.

§ 2º

III – GAETANO FIERRO (filho de Nicola Fierro, do § 1º nº II), meu bisavô, nasceu em Spinazzola, na casa da família na Via San Vito, em 15-FEV-1868, e faleceu em São Paulo aos 83 anos em 10-DEZ-1951.

Casou-se em primeiras núpcias com VINCENZA DEL CIOMMO, filha de Francesco Del Ciommo, em 26-MAIO-1890 (Gaetano contava 22 anos).
Filho:

1 (IV) – NICOLA FIERRO, nascido em Spinazzola cerca 1891 e falecido com aproximadamente 10 anos, em março de 1901, no mar, durante a viagem para o Brasil²³.

Casou-se em segundas núpcias, em 1898, com MARIA TEREZA MENCHISE (RIZA, geralmente chamada de *Tereza Menchise*), minha bisavó, nascida em 2-AGO-1880 (ou 1881) em Genzano di Lucania, província de Potenza, na Basilicata, e falecida em São Paulo aos 62 anos em 31-MAIO-1943.

Gaetano e Tereza passaram a residir em Spinazzola, no Vico Spada, próximo ao centro histórico, onde lhes nasceu a primeira filha, Marieta Fierro. Em março de 1901, o casal emigrou para o Brasil, com destino a São Paulo. Embarcaram em Gênova, no vapor “Washington”, desembarcando no porto de Santos no dia 1º de abril de 1901.

A idéia de imigrar provavelmente partiu da jovem Tereza, então com 19 anos, para juntar-se aos tios maternos Lepore: Miguel, Domingos, Vittorio, Maria Antonia (Festa) e Faustina (Laginestra).

No Brasil, os Fierros tornaram-se Ferro ou Ferri, exceção da filha mais velha, Marieta, que, como italiana nata, sempre assinou Fierro.

GAETANO FIERRO e sua mulher MARIA TEREZA MENCHISE (RIZA) foram pais de:

2 (IV) – MARIA FIERRO (MARIETA), minha avó, nasceu em Spinazzola, província de Bari, em 16-JUN-1899 e morreu em Santos, estado de São Paulo, em 11-MAIO-1969, às vésperas do 70º aniversário (e do 50º aniversário de casamento), sendo sepultada em São Paulo. Recebeu o nome da avó paterna, Maria Michele Lechiancole. Casou-se com BENEDICTO CRISTOFANI²⁴ (filho de Enrico Cristofani, do § 1º nº II, Capítulo I).

Depois do casamento, o casal passou a residir na Rua Justa Azambuja, Cambuci, na capital paulista. Aí viveram longos anos, transferindo-se a seguir, sucessivamente, para os bairros da Aclimação, de Perdizes e, a partir dos anos 50, de Higienópolis.

23 Informação dada por minha avó Marieta Fierro.

24 Como testemunhas do casamento de meus avós, figuram os parentes: Rafael Festa (tio de Marieta), Alfredo Cristofani (irmão de Benedicto) e Vittorio Lepore (tio-avô de Marieta). Assinam o registro, também, Annunziata Cristofani (irmã de Benedicto), Lúcia Menchise Festa (tia de Marieta) e uma amiga da família Fierro, Angelina Schifini. O endereço do noivo: Rua Lavapés, nº 277, Cambuci, na capital paulista.

Nos anos 60, dividiam-se entre a casa na Avenida Angélica (na época, ainda residencial) e o apartamento da Rua Arthur Assis, na praia do Embaré, em Santos.

Minha avó destacou-se na numerosa família de imigrantes como mulher enérgica, ativa e empreendedora, dedicada ao clã familiar e aos negócios.

- 3 (IV) – NICOLA FERRO, que segue.
- 4 (IV) – PAULO FERRO, que segue no § 3º.
- 5 (IV) – GRAZIA FERRO, que segue no § 4º.
- 6 (IV) – MARIANNA ou MARIANINA FERRI (*MARION*) – nasceu em São Paulo em 18-MAIO-1909, e aí faleceu em 7-MAIO-2000, com quase 91 anos. Casada com MÁRIO MARTINELLI, nascido em São Paulo, onde faleceu em 1978. Sem descendência.
- 7 (IV) – ROSÁRIA FERRI, que segue no § 5º.
- 8 (IV) – JOSÉ FERRO, que segue no § 7º.
- 9 (IV) – LÚCIA FERRO, que segue no § 14º.
- 10 (IV) – CARLOS MIGUEL FERRO (*CARLITO*) – nasceu em São Paulo cerca 1917 e aí faleceu, em 1985. Casado com ISAURA, descendente de italianos. Sem descendência.
- 11 (IV) – HENRIQUE FERRI, que segue no § 15º.
- 12 (IV) – ORLANDO FERRI, que segue no § 16º.

Este casal, meus avós, fazem a ligação dos Cristofani com os Fierro-Menchise, no Brasil



Benedicto Cristofani e Marieta Fierro
São Paulo, cerca 1945.



Benedicto e Marieta Cristofani no centro de São Paulo, cerca 1930.

- IV– NICOLA FERRO (*NICOLINO*, filho de Gaetano Fierro, do § 2º nº III), nasceu em São Paulo cerca 1901 e aí morreu em 1986. Casado com ERCILIA SANTOS KAUER, descendente de portugueses e alemães, falecida. Filhos:
- 1 (V) – CAETANO FERRO, casado, falecido.
 - 2 (V) – OSWALDO FERRO, casado, falecido.
 - 3 (V) – MIGUEL FERRO, casado, falecido.
 - 4 (V) – RUBENS FERRO, casado.
- Todos, com descendência.

§ 3º

- IV – PAULO FERRO (filho de Gaetano Fierro, do § 2º nº III), nasceu em São Paulo cerca 1903 e aí morreu em 1980. Casado com TEREZA, descendente de italianos, falecida. Filhos:
- 1 (V) – GRAZIA FERRO, casada.
 - 2 (V) – NANCY FERRO, casada.
 - 3 (V) – PAULO FERRO JÚNIOR, casado.
- Todos, com decsendência.



As irmãs Fierro com os maridos na praia, em Santos, 1931: a partir da esquerda, Rosária Ferri, Agostinho Muniz de Mello, n.i (o motorista), Mário Martinelli, Marion Ferri, Marieta Fierro e Benedicto Cristofani. Faltam na foto as duas outras irmãs, Grazia Ferro, casada com Nicola Viterite, e Lucy Ferro, casada com Januário Bérغامo. Todas muito unidas entre si, assim como com os seis irmãos.

§ 4º

- IV - GRAZIA FERRO (filha de Gaetano Fierro, do § 2º nº III) – nasceu em São Paulo em 1904 e aí morreu em 1940, aos 36 anos. Casada com NICOLA VITERITE, falecido em 1967. Filhos:
- 1 (V) – MARIA JOSÉ VITERITE (ZEZINHA), solteira.
 - 2 (V) – MILCIADES VITERITE, casado, falecido em 2005, com descendência.

§ 5º

- IV – ROSÁRIA FERRI (filha de Gaetano Fierro, do § 2º nº III) – nasceu em São Paulo em 2-OUT-1910, e aí faleceu em 31-MAIO-2000, aos 89 anos. Casada com AGOSTINHO MUNIZ DE MELLO, natural de São Sebastião da Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, nos Açores, Portugal, nascido em 08-SET-1906 e falecido em São Paulo em 16-JUL-1988, com quase 82 anos de idade. Filhos:
- 1 (V) – JOSÉ MUNIZ DE MELLO, que segue.
 - 2 (V) – MYRIAN MUNIZ DE MELLO, que segue no § 6º.

- V – JOSÉ MUNIZ DE MELLO (*ZEZINHO*), casado com MARIA DE LOURDES FERREIRA LIMA (pela mãe, pertencente à tradicional família paulista, os Monteiros de Barros). Filhos:
- 1 (VI) – ADRIANA MUNIZ DE MELLO, que segue.
 - 2 (VI) – ALESSANDRA MUNIZ DE MELLO, casada com KEVIN BERNE, norte-americano.
- VI – ADRIANA MUNIZ DE MELLO, casada com JEFF CARTER, norte-americano. Filho:
- 1 (VII) – NICOLAS MUNIZ DE MELLO CARTER.

§ 6º

- V – MYRIAN MUNIZ DE MELLO (filha de Rosária Ferri, do § 5º nº IV), casada em primeiras núpcias com SYLVIO ZILBER. Filhos:
- 1 (VI) – MARCELO DE MELLO ZILBER, casado com TERESA FOGAÇA DE ALMEIDA.
 - 2 (VI) – RODRIGO DE MELLO ZILBER, falecido em 1985.
Em segundas núpcias, casou-se com CARLOS HENRIQUE D'ANDRETTA (CACÁ), sem descendência.
Myrian é um grande nome do teatro e do cinema brasileiro. Primeiro, foi bailarina do Corpo de Baile do Teatro Municipal de São Paulo. Em 1958, optou por ser atriz, e formou-se pela Escola de Arte Dramática de São Paulo em 1961. Integrou os elencos do Teatro Oficina, Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), Cia. Nydia Licia, Teatro de Arena, Cia. Fernanda Montenegro e Cia. Paulo Autran. Nos anos 70, montou com o marido Sylvio Zilber sua própria companhia, e com ele fundou a Escola de Teatro Macunaíma. Além de atriz e professora de arte dramática (lecionou interpretação na EAD / USP, além de manter durante longos anos, com muito prestígio, seu próprio curso, na Funarte, com método próprio, original e criativo), foi também diretora (dirigiu *Falso Brillhante*, com Elis Regina). Atuou com sucesso na televisão (*Nino, o Italianinho* e *Os Maias*, entre outros trabalhos) e no cinema (*Macunaíma; Das Tripas, Coração; Alô; O Jogo da Vida; Nina* etc). Seu livro autobiográfico, “*Giramundo – Myrian Muniz, o Percurso de Uma Atriz*”, organizado pela pesquisadora e historiadora Maria Thereza Vargas, ganhou o Prêmio Shell, categoria especial, em 1998. A Funarte instituiu o Prêmio Myrian Muniz de Teatro em 2006, em sua homenagem. Uma das salas do Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, chama-se Sala Myrian Muniz. Faleceu aos 73 anos em 18-DEZ-2004 em São Paulo.



Em pé, Aguinaldo Ribeiro da Cunha, Guiomar Cristofani, Myrian Muniz de Mello e Maria de Lourdes Rodrigues (mulher de Henrique Cristofani). Sentados, Benedicto Cristofani e Marieta Fierro, São Paulo, 1950.

§ 7º

IV – JOSÉ FERRO (*PEPPINO*) (filho de Gaetano Fierro, do § 2º nº III) – nasceu em São Paulo cerca 1912 e aí morreu em 1982. Casado com BRUNA LANCHESI. Filhos:

- 1 (V) – MARIA ANTONIA FERRO, que segue.
- 2 (V) – CARLOS ANTONIO FERRO, que segue no § 11º.
- 3 (V) – BRUNO JOSÉ FERRO, que segue no § 12º.

V- MARIA ANTONIA FERRO, casada com JOSÉ PELLEGRINO FILHO. Filhos:

- 1 (VI) – PATRÍCIA FERRO PELLEGRINO, que segue no § 8º.
- 2 (VI) – JACQUELINE FERRO PELLEGRINO, que segue no § 9º.
- 3 (VI) – JOSÉ FERRO PELLEGRINO, que segue no § 10º.

§ 8º

VI – PATRÍCIA FERRO PELLEGRINO (filha de Maria Antonia Ferro, do § 7º nº V), casada com MARCELO PARDINI. Filho:

1 (VII) – MARCELO PELLEGRINO PARDINI.

§ 9º

- VI– JACQUELINE FERRO PELLEGRINO (filha de Maria Antonia Ferro, do § 7º nº V), casada com ELÁDIO CANOVAS. Filhas:
1 (VII) – JACQUELINE PELLEGRINO CANOVAS.
2 (VII) – ISABELA PELLEGRINO CANOVAS.

§ 10º

- VI– JOSÉ PELLEGRINO NETO (filho de Maria Antonia Ferro, do § 7º nº V), casado com CLÁUDIA PERIN. Filhos:
1 (VII) – JOSÉ PERIN PELLEGRINO.
2 (VII) – JÚLIA PERIN PELLEGRINO.

§ 11º

- V – CARLOS ANTONIO FERRO, (filho de José Ferro, do § 7º nº IV), casado com GLÁUCIA D´OLIM MAROTE (SIRNA, pelo lado materno). Filhas:
1 (VI) – CHIARA FERRO.
2 (VI) – MARIANA FERRO.

§ 12º

- V – BRUNO JOSÉ FERRO (filho de José Ferro, do § 7º nº IV), divorciado. Filhas:
1 (VI) – ALINE FERRO, que segue.
2 (VI) – RENATA FERRO, que segue no § 13º.
- VI – ALINE FERRO, casada. Filhos:
1 (VII) – BRUNA FERRO CHIARELLA.
2 (VII) – DOMENICO FERRO CHIARELLA.

§ 13º

- VI – RENATA FERRO (filha de Bruno José Ferro, do § 7º nº V). Filha:
1 (VII) – PIETRA FERRO.

§ 14º

- IV – LÚCIA FERRO (*LUCY* ou *NENNELLA*), filha de Gaetano Fierro, do § 2º nº III), nasceu em São Paulo em 23-OUT-1914, casada com JANUÁRIO BERGAMO, nascido em São Paulo, onde faleceu em 1981. Faleceu aos 83 anos, em 28-JUL-1998. Filho:
1 (V) – JANUÁRIO BÉRGAMO JÚNIOR, que segue.

V – JANUÁRIO BÉRGAMO JÚNIOR, casado com TERESA CRISTINA MESQUITA.

Filhos:

1 (VI) – LUÍS FELIPE BÉRGAMO.

2 (VI) – LUÍS OTÁVIO BÉRGAMO.

§ 15º

IV – HENRIQUE FERRI (*III*), filho de Gaetano Fierro, do § 2º nº III. Nasceu em São Paulo cerca 1920 e aí faleceu em 1994. Casado com EMÍLIA, descendente de espanhóis. Filho:

1 (V) – HENRIQUE FERRI JÚNIOR, casado.

§ 16º

IV – ORLANDO FERRI (filho de Gaetano Fierro, do § 2º nº III) – nasceu em São Paulo em 1923 e aí faleceu em 2002. Casado com ANTONIETA DEROSA.

Filhos:

1 (V) – TERESA MARIA FERRI, que segue.

2 (V) – ORLANDO FERRI JÚNIOR, que segue no § 17º.

3 (V) – MARIA CRISTINA FERRI, que segue no § 18º.

V - TERESA MARIA FERRI, divorciada. Filhos:

1 (VI) – ROBERTO BOVINO JÚNIOR.

2 (VI) – BRUNA FERRI BOVINO.

3 (VI) – MARCELA FERRI BOVINO.

§ 17º

V - ORLANDO FERRI JÚNIOR (filho de Orlando Ferri, do § 16º nº IV), divorciado. Filhos:

1 (VI) – BIANCA RIBEIRO FERRI.

2 (VI) – STEFANO RIBEIRO FERRI.

§ 18º

V - MARIA CRISTINA FERRI (filha de Orlando Ferri, do § 16º nº IV), divorciada, atriz. Filha:

1 (VI) – DANIELA FERRI PEREIRA LIMA, casada nos Estados Unidos com o norte-americano MICHAEL KENT.

Gaetano Fierro e Tereza Menchise viveram a partir de 1901 na capital paulista, residindo numa velha e grande casa da Rua do Lavapés, no Cambuci, ao lado da Igreja da Glória. Aí criaram sua numerosa família e viveram décadas, sem nunca terem voltado à Itália.

Os Fierros eram uma família feliz, alegre, musical, tendo como referência primeira a mãe, Tereza Menchise : “era uma irmandade alegre e unida, e apesar das dificuldades cotidianas, da luta pela sobrevivência – semelhante a de tantas outras famílias que migraram para o Brasil naquele período, ou de famílias brasileiras que deixavam o meio rural e passavam a viver nas cidades industrializadas – viviam bem, em harmonia, com relativa paz e tranquilidade (se compararmos com os dias atuais). Quase todos possuíam pendoros artísticos, especialmente os homens, que gostavam de música, tocavam instrumentos e cantavam nas reuniões familiares – das canções napolitanas, tristes, nostálgicas, até os ritmos modernos, como o tango”²⁵ (este, especialmente do agrado dos irmãos, Nicolino, Paulo, José, Carlito, Henrique e Orlando).

A mãe, Tereza Menchise, era uma lenda em vida, segundo todos os depoimentos. “Mulher forte, de tempera admirável, unia a seu redor toda a família, parentes, amigos, vizinhos, compatriotas da mesma região do sul da Itália: era o eixo de todo um arcabouço social e familiar. Respeitada, aliava o sentimento religioso a um espírito elevado, geralmente alegre, e a um agudo senso de dever familiar. Seu nome permaneceu vivo após sua morte, transmitindo-se sua história de geração em geração familiar”²⁶. *Nonna* Tereza tinha 62 anos incompletos quando morreu, logo após a perda de umas das filhas, Grazia.

“O pai, Gaetano Fierro, apesar de ter outro temperamento e outra postura perante a vida, também teve seu jeito de ser e seus ditos espirituosos, repassados aos mais novos, às demais gerações familiares”²⁷. Lembro-me vagamente do bisavô Gaetano – um homem alto, forte e com barba branca, sorridente para as crianças, a quem abraçava e pegava no colo . *Nonno* Gaetano tinha 83 anos quando morreu. Viúvo havia oito anos, morava com as filhas Marieta Cristofani e Lucy Bérغامo, na Rua Sergipe, em Higienópolis, São Paulo.

25 Giramundo - o Percurso de Uma Atriz, Myrian Muniz, Capítulo “Raízes”, de Aguinaldo Ribeiro da Cunha.

26 Giramundo - o Percurso de uma Atriz, Myrian Muniz, idem.

27 Giramundo – o Percurso de uma Atriz, Myrian Muniz, idem.

FOTOS DA FAMÍLIA FIERRO

As irmãs Marion Ferri (Martinelli), com a sobrinha Maria José Viterite (*Zezinha*) ao colo, e Marieta Fierro (Cristofani), ao lado da mãe, a matriarca Maria Tereza Menchise (Fierro), São Paulo, 1930.



As irmãs Grazia Ferro (Viterite) e Rosária Ferri (Muniz de Mello) ladeando a tia materna Lúcia (*Lucetta*) Menchise (Festa), São Paulo, 1930.



Lúcia Ferro (Lucy) e o marido Januário Bérghamo,
São Paulo, cerca 1945.



Nicola Ferro (*Nicolino*) e Nicola Viterite, São Paulo, 1930.



Rafael Festa e Agostinho Muniz de Mello, São Paulo, 1930.



Mário Martinelli e Paulo Ferro, São Paulo, 1930.



José Ferro, São Paulo, cerca 1935.



Bruna Lanchesi, mulher de José Ferro, São Paulo, cerca 1935.



Orlando Ferri, o caçula dos onze irmãos Fierro, São Paulo, cerca 1975.



Antonietta Derosa, mulher de Orlando Ferri, São Paulo, cerca 1975.



Carlos Ferro (*Carlito*), com os sobrinhos Henrique Cristofani e Guiomar Cristofani, o irmão Henrique Ferro e o primo Donato Festa, São Paulo, 1930.



Os primos Guiomar Cristofani e Januário Bérghamo Júnior, São Paulo, 1978.

CAPÍTULO IV

OS MENCHISES, DA PROVÍNCIA DE POTENZA, E SUA UNIÃO COM OS FIERROS EM 1898.²⁸

Este capítulo é dedicado à família paterna de minha bisavó Maria Tereza Menchise

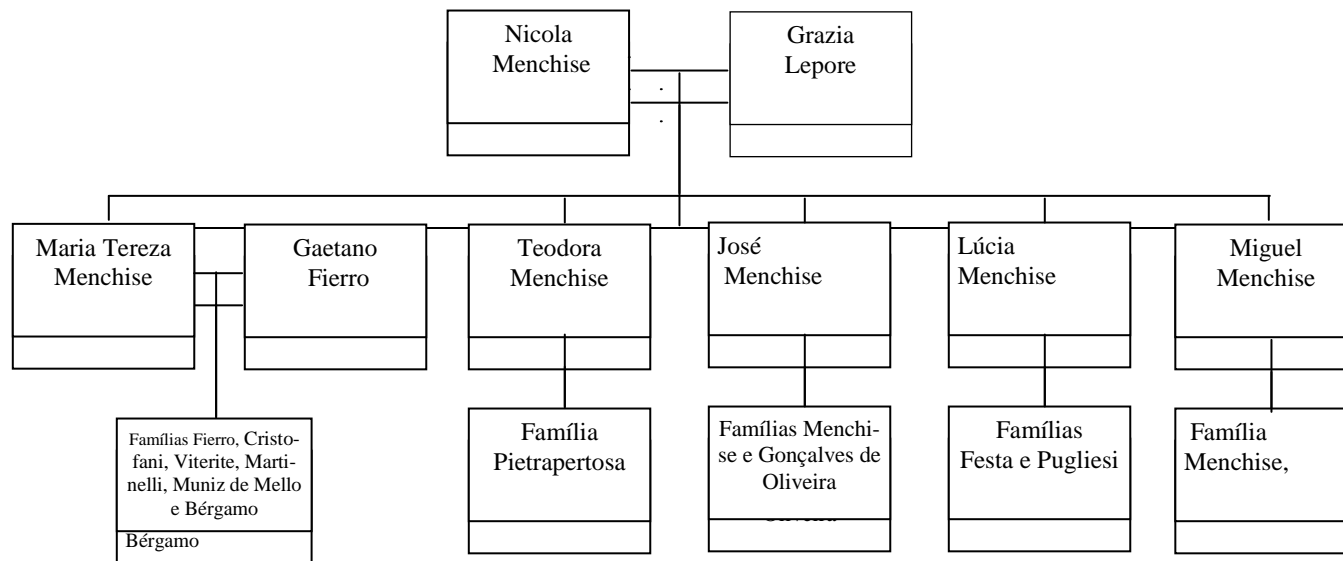
Os Menchises são originários de Genzano di Lucania, cidade próxima a Spinazzola, mas situada em outra província (Potenza) e em outra região (Basilicata, ou Lucânia)²⁹. Genzano também é uma cidade antiga, com centro histórico medieval, velhas igrejas, ruínas do castelo e a célebre Fontana Cavallina, um monumento em estilo greco-romano construído no século XIX.

A família criada por minha bisavó Maria Tereza Menchise consta do Capítulo III. Neste, registram-se os nomes de seus pais e irmãos, e respectivos troncos familiares.

28 Todas as informações sobre as famílias Menchise, Lepore e Pietrapertosa me foram dadas, inicialmente, por minha avó Marieta Fierro, e isso há muitos anos, quando, aos 18 anos, passava as férias com ela, em Santos. Para este trabalho, essas informações de minha avó foram completadas e atualizadas por outros familiares, como Maria Graça Menchise e Maria do Carmo (Festa) Pugliesi.

29 Estive em Genzano di Lucania em 1990 e em 1996. Em minha primeira visita tive a infelicidade de chegar no dia do falecimento de Canio Bevilacqua, marido de Tereza Pietrapertosa, prima-irmã de minha avó Marieta Fierro.

QUADRO V – FAMÍLIA MENCHISE



§ 1º

I – NICOLA MENCHISE, meu trisavô, n. em Genzano di Lucania cerca 1850 e aí fal. por volta de 1908. Casou-se, aproximadamente, em 1878, com GRAZIA LEPORE (*MAMARANA*), n. na mesma comuna cerca 1860 e fal. em São Paulo em 1930. Depois de enviudar, Grazia imigrou para o Brasil em 1910, para juntar-se à filha Tereza, casada com Gaetano Fierro, trazendo consigo os três filhos mais novos e solteiros, Miguel, José e Lúcia – e deixando em Genzano a filha Teodora, já casada. Pais de:

2 (II) – TEODORA MENCHISE, que segue.

3 (II) – MARIA TEREZA MENCHISE, casada com GAETANO FIERRO (filho de Nicola Fierro, do § 1º nº II, Capítulo III).

A união dos Fierros e Menchises dá-se com esse casal, como mencionado no Capítulo III, em 1898.

4 (II) – JOSÉ MENCHISE, que segue no § 2º.

5 (II) – MIGUEL MENCHISE, que segue no § 3º.

6 (II) – LUCIA MENCHISE, que segue no § 4º.

II - TEODORA MENCHISE, casada com NICOLA PIETRAPERTOSA, n. em Genzano di Lucania cerca 1885 e aí morreu na década de 1960, tendo numerosa descendência. Filhos, quase todos atualmente falecidos, e com descendência:

1 (III) – VITO PIETRAPERTOSA.

2 (III) – ANTONIO PIETRAPERTOSA.

3 (III) – LUCIA PIETRAPERTOSA.

4 (III) – GRAZIA PIETRAPERTOSA.

5 (III) – TEREZA PIETRAPERTOSA.

6 (III) – GENEROSA PIETRAPERTOSA.

7 (III) – NICOLA PIETRAPERTOSA.³⁰

§ 2º

II - JOSÉ MENCHISE (filho de Nicola Menchise, do § 1º nº I), n. em Genzano di Lucania em 4.JUN.1889 e fal. em São Paulo por volta de 1974, aos 85 anos. Casado com TEREZA CAPRICE, descendente de italianos, falecida aos 39 anos em 1942. Pais de:

1 (III) – NICOLA MENCHISE, fal. em 2005, solteiro.

30 Em 1990, conheci em Genzano os três irmãos sobreviventes, Nicola, Tereza e Generosa, que me receberam carinhosamente, deles guardando a mais cara recordação. Conheci Tereza no velório do marido, levado pelo irmão Nicola, numa situação difícil. Em 1996 ainda estavam todos vivos e tornei a ver Nicola Pietrapertosa (Generosa e Tereza estavam adontadas na ocasião) – Nicola sempre muito amigo e amável, convidando-me a almoçar em sua casa e me levando a passeios pela cidade.

2 (III) – MARIA GRAÇA MENCHISE (*GRACINHA*), que segue.

III - MARIA GRAÇA MENCHISE (*GRACINHA*), casada com MARINO GONÇALVES DE OLIVEIRA, fal. em 2004. Filha:

1 (IV) – MARIA TEREZA GONÇALVES DE OLIVEIRA, que segue.

IV - MARIA TEREZA GONÇALVES DE OLIVEIRA casada com CÉSAR PERTINI. Filha:

1 (V) – BRUNA PERTINI.

§ 3º

II- MIGUEL MENCHISE (filho de Nicola Menchise, do § 1º nº I), n. em Genzano di Lucania e fal. em São Paulo em 1967, casou-se com a prima LUCIA LAGINESTRA (*LUCETTA*), falecida em São José dos Campos, estado de São Paulo, em 1965. Filhas, todas com descendência:

1 (III) – GRAZIA MENCHISE (*GRACIELA*), que segue.

2 (III) – LUISA MENCHISE, falecida.

3 (III) – MAFALDA MENCHISE, falecida.

4 (III) – YOLANDA MENCHISE.

5 (III) – IVA MENCHISE, falecida.

6 (III) – WANDA MENCHISE.

7 (III) – ELZA MENCHISE.

III - GRAZIA MENCHISE (*GRACIELA*), casada com ÁRIDE PERSANI, italiano, falecido. Graciela, a mais velha das filhas de Miguel Menchise, faleceu por volta de 2002, sempre muito ligado às primas Fierro e Festa. Filha:

1 (IV) – MARIA ÂNGELA PERSANI, casada com JOÃO CALICHIO, com descendência.

§ 4º

II – LUCIA MENCHISE (*LUCETTA*) (filha de Nicola Menchise, do § 1º nº I) n. em Genzano di Lucania em 13-FEV-1894, e fal. em São Paulo cerca 1976. Casada com o primo RAPHAEL FESTA, n. em Genzano di Lucania em 28-FEV-1893 e fal. em São Paulo em 18-SET-1957. Próxima em idade da sobrinha Marieta Fierro, Lucetta e o marido foram testemunhas de seu casamento com Benedicto Cristofani. Madrinha de batismo de Guiomar Cristofani. Filhos:

1 (III) – MARIA ANTONIA FESTA, que segue.

2 (III) – DONATO FESTA, que segue no § 5º.

- III - MARIA ANTONIA FESTA (*ANTONIETA*), n. em São Paulo em 17-MAR-1916 e fal. na mesma cidade em 10-MAIO-2001, aos 85 anos. Afilhada de batismo de Marieta Fierro. Casada com HORÁCIO PUGLIESI. Filhos:
- 1 (IV) – MARIA DO CARMO PUGLIESI (*CARMINHA*), casada com ORESTES TURANO JÚNIOR (meu contemporâneo na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco).
 - 2 (IV) – ANTONIO CARLOS PUGLIESI, casado com MARIA LÚCIA CESARINI.

§ 5º

- III – DONATO FESTA (filho de Lúcia Menchise, do § 4º nº II), n. em São Paulo em 13-NOV-1920 e aí fal. em 8-MAR-1966, aos 46 anos. Filha:
- 1 (IV) – ANA LÚCIA FESTA casada com NELSON BAZILLI.

CAPÍTULO V

OS LEPORES, DA PROVÍNCIA DE POTENZA, E SUA UNIÃO COM OS MENCHISES EM 1878

Este capítulo é dedicado à família materna de minha bisavó Maria Tereza Menchise

Minha trisavó GRAZIA LEPORE (*MAMARANA*), em cuja homenagem a neta Rosária Ferri Muniz de Mello batizou seu tradicional restaurante no bairro de Higienópolis, em São Paulo, como “Mamarana”, tinha diversos irmãos, os Lepores, que haviam imigrado antes de todos para São Paulo, provavelmente em 1898. Foram eles que receberam em 1901 a sobrinha recém-chegada, Tereza Menchise, e o marido Gaetano Fierro. Todos nascidos em Genzano di Lucania, terra ancestral dos Lepores, também há séculos residentes nessa comuna : Miguel Lepore (§ 2º), Domingos Lepore (§ 10º), Maria Antonia Lepore (§ 11º), Faustina Lepore (§ 12º) e Vittorio Lepore (§ 13º).

§ 1º

- I - GRAZIA LEPORE (*MAMARANA*) – casada com NICOLA MENCHISE, do § 1º nº I, Capítulo IV. **A união dos Lepores e dos Menchises dá-se com esse casal, na Itália, cerca de 1878.**

§ 2º

- I – MIGUEL LEPORE³¹ (irmão de Grazia Lepore, do § 1º nº I) n. em Genzano di Lucania nos anos 1860 e fal. em São Paulo em 18-DEZ-1920. Casado com MARIA FARGIANO (*MARIUCHA*), italiana, n. por volta de 1880 e fal. em São Paulo em 10-MAR-1874 (uma das primeiras mulheres a tirar habilitação para dirigir automóvel e a administrar uma fábrica de sapatos). Pais de:
- 1 (II) – LEONORA LEPORE, que segue.
 - 2 (II) – ROQUE LEPORE, que segue no § 3º.
 - 3 (II) – BRASILINO LEPORE, que segue no § 4º.
 - 4 (II) – IDA LEPORE, que segue no § 5º.
 - 5 (II) – RAPHAEL LEPORE, que segue no § 6º.
 - 6 (II) – FRANCISCO LEPORE, que segue no § 7º.
 - 7 (II) – LUZIA LEPORE, que segue no § 8º.
 - 8 (II) – DANTE LEPORE, que segue no § 9º.
- II - LEONORA LEPORE, casada com SALVADOR MÔNACO. Filho:
- 1 (III) – JOSÉ LEPORE MÔNACO

§ 3º

- II - ROQUE LEPORE, (filho de Miguel Lepore, do § 2º nº I) casado com SARA. Filhas:
- 1 (III) – MARIA LEPORE.
 - 2 (III) – LEONOR LEPORE, que segue.
- III - LEONOR LEPORE, casada. Filho:
- 1 (IV) – OSWALDO LEPORE.

§ 4º

- II - BRASILINO LEPORE (filho de Miguel Lepore, do § 2º nº I), n. em 1909 em São Paulo, casado com AUGUSTA. Filha:
- 1 (III) – MARIA LEPORE, que segue.
- III - MARIA LEPORE, casada com OADI MAFUZO. Filhos:
- 1 (IV) – LÚCIA LEPORE.
 - 2 (IV) – EDUARDO LEPORE.

31 Todos os dados sobre a família de Miguel Lepore me foram passados gentilmente por sua neta Norma Maria Lepore Colombo, a quem agradeço especialmente. Ambos temos em comum os pais de Miguel Lepore (avô de Norma) e de Grazia Lepore (minha bisavó).

§ 5º

- II - IDA LEPORE (filha de Miguel Lepore, do § 2º nº I), casada com VITORINO FERRARI. Filhos:
- 1 (III) – MARIA LEPORE FERRARI.
 - 2 (III) – IVONE LEPORE FERRARI.
 - 3 (III) – JOSÉ LEPORE FERRARI.
 - 4 (III) – DIRCE LEPORE FERRARI.

§ 6º

- II - RAPHAEL LEPORE (filho de Miguel Lepore, do § 2º nº I), casado com LIA. Filhos:
- 1 (III) – LÚCIA MARIA LEPORE, casada com SÉRGIO CAMPI (ambos, Lúcia e Sérgio, meus colegas de turma -1972 - na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; ela, neta de Miguel Lepore, eu bisneto de Grazia Lepore, irmã de Miguel).
 - 2 (III) – RAPHAEL LEPORE FILHO.
 - 3 (III) – REGINA LEPORE.
 - 4 (III) – MIQUELÂNGELO LEPORE.

§ 7º

- II – FRANCISCO LEPORE (filho de Miguel Lepore, do § 2º nº I), casado com NORMA MARCHETTI LEPORE. Filhos:
- 1 (III) – ANTONIO FRANCISCO LEPORE.
 - 2 (III) – LUZIA LEPORE (pelo casamento, PATRICIO).
 - 3 (III) – DILZA LEPORE (pelo casamento, RODRIGUES).
 - 4 (III) – NORMA MARIA LEPORE, casada com EDES ANTONIO COLOMBO.

§ 8º

- II - LUZIA LEPORE (filha de Miguel Lepore, do § 2º nº I), casada em primeiras núpcias com JOÃO GIANNINI, e em segundas com VIRGÍLIO ROMANO. Filhos:
- 1 (III) – FRANCISCA GIANNINI.
 - 2 (III) – MARIA GIANNINI.
 - 3 (III) – MÁRIO ROMANO.
 - 4 (III) – RAFAEL ROMANO.

§ 9º

- II - DANTE LEPORE (filho de Miguel Lepore, do § 2º nº I), casado com TEREZINHA. Filhos:
- 1 (III) – MIGUEL LEPORE.
 - 2 (III) – UMBERTO LEPORE.

3 (III) – MARIA APARECIDA LEPORE.

§ 10º

- I – DOMINGOS LEPORE (*Ruço*) (irmão de Grazia Lepore, do § 1º nº I)– n. em Genzano di Lucania no início da década de 1860 e fal. em São Paulo. Casado com TEREZA, italiana. Pais de :
- 1 (II) – ANGELINA LEPORE.
 - 2 (II) – ROQUE LEPORE.
 - 3 (II) – JOSÉ LEPORE.
 - 4 (II) – MIGUEL LEPORE.

§ 11º

- I - MARIA ANTONIA LEPORE (irmã de Grazia Lepore, do § 1º nº I)– n. em Genzano di Lucania em 1865 e fal. em São Paulo em 5-JUL-1919, aos 54 anos. Casada com DOMINGOS FESTA, italiano, n. também em Genzano di Lucania por volta de 1861 e fal. em São Paulo em 2-MAR-1926, com aproximadamente 65 anos. Pais de:
- 1 (II) – CONCETTA FESTA, n. em Genzano di Lucania em 8-DEZ-1889 e fal. em São Paulo aos 80 anos em 25.FEV.1970. Casou-se com MATEUS ZÚNGULO, italiano, fal. em São Paulo em 13-JUL-1941.
 - 2 (II) – RAPHAEL FESTA, casado com a prima LÚCIA MENCHISE, do § 4º, nº II, Capítulo IV.
 - 3 (II) – ROQUE FESTA, n. em São Paulo em 1898 e aí faleceu. Casou-se com ROSALINA PINOTTI.
 - 4 (II) – ROSA MARIA FESTA, que segue.
- II – ROSA MARIA FESTA, n. São Paulo em 24-OUT-1900 e fal. no Rio de Janeiro na década de 80 do século XX. Casou-se com JANUÁRIO LAGINESTRA, filho de um irmão de Luigi Laginestra, marido de Faustina Lepore. Radicada no Rio de Janeiro. Rosa Maria era muito próxima das primas Marieta, com quem regulava em idade, Grazia, Marion, Rosária e Lucy (primas em 2º grau, uma vez que Rosa Maria era prima-irmã da mãe delas, Tereza Menchise). Filhos:
- 1 (III) – MATILDE LAGINESTRA.
 - 2 (III) – MIGUEL LAGINESTRA, capitão da marinha brasileira.

§ 12º

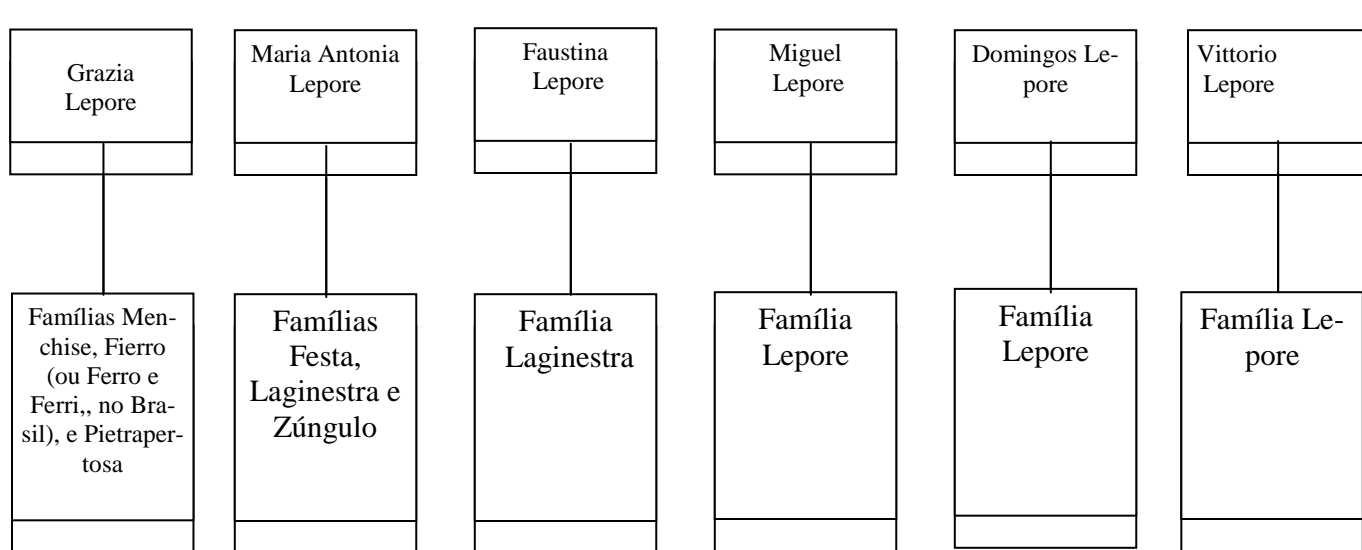
- I - FAUSTINA LEPORE (*ZIA 'STINA*) (irmã de Grazia Lepore, do § 1º nº I)– n. em Genzano di Lucania por volta de 1868 e fal. em São Paulo nos anos 1930. Veio para o Brasil, já viúva de LUIGI LAGINESTRA, italiano, com cerca de 30 anos, aproximadamente em 1898. Pais de:

- 1 (II) – LÚCIA LAGINESTRA, casada com MIGUEL MENCHISE, do § 2º, nº II, Capítulo IV.
 - 2 (II) – MARIETA LAGINESTRA (*MARIETELA*), que segue.
- II - MARIETA LAGINESTRA (*MARIETELA*), falecida muito jovem, ainda nos anos 1920. Deixou 5 filhos, criados por sua irmã, Lúcia Laginestra (Menchise), entre eles:
- 1 (III) – GUIOMAR DI STEFANO.
 - 2 (III) – TEREZA DI STEFANO.
 - 3 (III) – LUIZ DI STEFANO.
 - 4 (III) – JOSÉ DI STEFANO.

§ 13º

- I – VITTORIO LEPORE (irmão de Grazia Lepore, do § 1º nº I) – n. em Genzano di Lucania por volta de 1872 e fal. em São Paulo, c. com MAXIMINA, italiana. Vittorio foi testemunha de casamento da sobrinha-neta Marieta Fierro. Pais de :
- 1 (II) – LIBERINO LEPORE.

QUADRO VI – FAMÍLIA LEPORE





Rosa Maria Festa, em fotografia tirada em 24-OUT-1919, no seu 20º aniversário (e um dia antes do casamento de Benedicto Cristofani e Marieta Fierro, de quem era prima e muito amiga).



As primas Marieta Fierro Cristofani, Rosa Maria Festa Laginestra (sentadas) e Lucy Ferro Bérغامo (em pé), São Paulo, cerca 1950.



Spinazzola, província de Bari, terra dos Fierros e dos Lechiancoles, 1996.



Gaetano Fierro, São Paulo, cerca 1945.



Genzano di Lucania, província de Potenza, terra dos Menchises e Lepores, 1996.



Os irmãos Pietrapertosa, Tereza (Bevilacqua) e Nicola, primos dos Fierros-Menchise, Genzano di Lucania, 1990.



As muralhas medievais de Lucca, que cercam a cidade antiga, terra dos Cristofani e dos Marchi, janeiro de 2000.



Viadana, província de Mântua, terra dos Sarzi Sartori e dos Azzoni, 1990.

CAPÍTULO VI**OS CRISTOFANI E SUA UNIÃO COM OS RIBEIROS DA CUNHA
EM 1947**

Aguinaldo Ribeiro da Cunha e Guiomar Cristofani, meus pais,
S. Paulo, cerca 1947.

Os Ribeiros da Cunha, cuja história e genealogia estão narradas no texto *A Família Ribeiro da Cunha*, publicado na Revista ASBRAP nº 9, são de origem portuguesa, família formada pela união de duas outras, do norte de Portugal (Cunha de Carvalho, do concelho de Celorico de Basto, no Minho, e Ribeiro da Silva, do concelho de Amarante, no Douro). A formação do nome familiar *Ribeiro da Cunha* deu-se no Brasil de 1810, em Baependi, no Sul de Minas, pelo casamento do Alferes Antonio Ribeiro da Silva com Luísa Leocádia da Cunha de Carvalho, meus quartos avós.

Quase cem anos depois, em 25 de janeiro de 1903, meu avô Arlindo Ribeiro da Cunha, bisneto desse casal, uniu-se a uma jovem ítalo-brasileira, minha avó Joanna Tardelli³². O casamento foi celebrado em Espírito Santo do Rio do Peixe, hoje a cidade de Divinolândia, Estado de São Paulo – mudando-se Arlindo e Joanna em 1915 para São José do Rio Pardo, onde criaram os cinco filhos (Angelina, Alonso, Maria Aparecida, Aguinaldo e Alice). O sexto filho, Alarico, morreu no berço, ainda em Espírito Santo do Rio do Peixe³³.

Meu pai, Aguinaldo Ribeiro da Cunha, seguiu a trilha do pai e casou-se, também ele, com uma moça ítalo-brasileira, minha mãe Guiomar Cristofani, em 28 de janeiro de 1947, em São Paulo.



Aguinaldo Ribeiro da Cunha Filho e sua mãe Guiomar Cristofani, cerca 1966, em São Paulo.

32 Sobre a família Tardelli, ver texto publicado na Revista ASBRAP nº 10, *As Famílias Tardelli, da Toscana, e Ferreira da Silva, do sul de Minas e dos Açores*, do autor.

33 Espírito Santo do Rio do Peixe, durante certa época, entre os anos 1910 e 1940, recebeu o pitoresco nome de *Sapecado*, lugar de pouso dos tropeiros, como conta a historiadora Orlanda Grespan em seu livro *“Divinolândia... Nos Caminhos do Tempo”*. Hoje, é o município de Divinolândia.



Meus pais, Aguinaldo Ribeiro da Cunha e Guiomar Cristofani, na ponte da Ilha de São Pedro, em São José do Rio Pardo (SP), 1962.



Myrian Cristofani, com a tia Guiomar Cristofani e o primo Aguinaldo Ribeiro da Cunha Filho, São José do Rio Pardo (SP), 1962.

CONCLUSÃO

Este estudo registra a ascendência paterna e materna de minha mãe GUIOMAR CRISTOFANI, toda ela na Itália, abrangendo as regiões da Toscana (famílias Cristofani e Marchi, província de Lucca), Lombardia (famílias Sarzi Sartori e Azzoni, província de Mântua), Apúlia, ou Puglia (famílias Fierro e Lechiancole, província de Bari) e Basilicata, ou Lucania (famílias Menchise e Lepore, província de Potenza).

Provavelmente, os estudos referentes às diversas famílias aqui tratadas terão continuidade, pois falta muito ainda a pesquisar para que se enriqueça cada vez mais os conhecimentos dessas famílias ancestrais.

Neste texto, dei um profundo mergulho na Itália, em suas diversas regiões, na saga dos imigrantes e na dor de ter que deixar a terra natal e procurar fazer a vida em outro país, totalmente estranho, com costumes, língua, etnias, culturas, tudo completamente diferente (e muito diferente, no final do século XIX e início do XX). Senti, profundamente, essa diversidade de culturas em minha pesquisa.

É claro que tive muito prazer em fazê-la, conhecendo dados novos acerca da vida de antepassados, alguns a quem conheci pessoalmente, figuras queridas, outros mais recuados no tempo, completamente desconhecidos para mim. Mas, em certo sentido, foi também um pouco doloroso escrever a genealogia desses queridos antepassados, pois coloquei-me no lugar deles, de bisavós e outros ancestrais a quem não conheci, mas cuja história pesquisei e que passei a conhecer melhor. Percebi a ruptura abrupta que tiveram em suas vidas (os portugueses Ribeiros da Cunha também tiveram essa ruptura, mas de forma diferente, pois pertenciam a um povo que estava colonizando o Brasil e aqui se reproduzia um pouco Portugal). Não deve ter sido fácil para esses ancestrais italianos partir para nunca mais voltar.

Meu envolvimento foi total com os Cristofani, os Fierros, os Sarzi Sartori, os Menchises, os Lepores, e todos os demais. Espero ter feito um bom registro, em memória de todos eles, representados num primeiro plano por dois avós muito queridos, Benedicto Cristofani e Marieta Fierro Cristofani, a quem recordo com extremo afeto e a quem dedico este estudo.

Espero, ainda, que outros companheiros dessa prestigiosa Revista ASBRAP aventurem-se também nas pesquisas de suas origens estrangeiras (outras, que não a portuguesa, oriundas de povos como os italianos, alemães e todos os demais que tiveram considerável imigração para nosso país), parte integrante e indissolúvel desta maravilhosa mistura étnica que é o Brasil, sem esquecer, é claro, voltamos a lembrar, os portugueses que aqui aportaram no século XVI e deram início a este nosso País.



Grazia Ferro, São Paulo, cerca 1935.



Rosária Ferri e o marido Agostinho Muniz de Mello, São Paulo, 1978.



Benedicto Cristofani, São Paulo, cerca 1950.



Marieta Fierro (Cristofani), São Paulo,
cerca 1950.



Maria Tereza Menchise (Fierro), São Paulo, 1924.



Gaetano Fierro, São Paulo, 1924.